

**ANL**

**REVISTA DA ACADEMIA**

**NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**



# **ANL**

**REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Nº 40  
Natal, julho/setembro – 2014

**REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Publicação trimestral

**Diretor:**

Manoel Onofre Jr.

**Editor:**

Thiago Gonzaga

**Foto da capa:**

ICC01 - Na África, em 1963, viagem de pesquisa para elaboração da obra  
“História da Alimentação no Brasil”.

**Fonte:** Acervo LUDOVICUS- INSTITUTO CÂMARA CASCUDO

**Diagramação e capa:**

CJA Edições - [www.cjaedicoes.com.br](http://www.cjaedicoes.com.br)

---

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1  
(mar. 1951 - ). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: v.40, n.53, jul./set.2014.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de  
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

---

# Sumário

## ARTIGOS E ENSAIOS

<b>Câmara Cascudo - o professor</b> <i>Jurandyr Navarro</i> .....	08
<b>Juvenal Galeno &amp; Câmara Cascudo – semelhanças</b> <i>Anna Maria Cascudo Barreto</i> .....	11
<b>Floriano Cavalcanti de Albuquerque - Uma vida, um destino, uma consagração</b> <i>Odúlio Botelho Medeiros</i> .....	15
<b>A medicina passo a passo</b> <i>Daladier Pessoa Cunha Lima</i> .....	19
<b>A primeira Academia de Letras Feminina do Estado</b> <i>Francisco Martins</i> .....	21
<b>Mais do que um espaço comercial: a Livraria Cosmopolita do velho Fortunato Aranha</b> <i>Maiara Juliana Gonçalves da Silva</i> .....	24
<b>O impressionismo e a gênese da pintura moderna</b> <i>Manoel Onofre Jr.</i> .....	32
<b>Confissão pelo poema: quando a poesia diz sim a Marize Castro</b> <i>Nelson Patriota</i> .....	37
<b>Erotismo pioneiro na poesia de Diva Cunha</b> <i>Thiago Gonzaga</i> .....	42
<b>As vozes na construção dos Morangos do Abismo</b> <i>Edna Maria Rangel de Sá e Maria Aparecida de Almeida Rego</i> .....	46

## CONTOS E CRÔNICAS

<b>Tempo de florar</b>	
<i>Diógenes da Cunha Lima</i> .....	70
<b>Geração de Autistas</b>	
<i>Armando Negreiros</i> .....	73
<b>Um retrato e o seu fim</b>	
<i>Elder Heronildes</i> .....	76

## POESIAS

<b>Ode para Luís Suárez</b>	
<i>Jarbas Martins</i> .....	80
<b>Tempo do quase nada</b>	
<i>David de Medeiros Leite</i> .....	81
<b>Casa Vizinha</b>	
<i>Paulo de Tarso Correia de Melo</i> .....	82
<b>Avessa Paisagem</b>	
<i>Diva Cunha</i> .....	90

## NOVOS ACADÊMICOS

<b>Leide Câmara: musicalidade acadêmica - Discurso de saudação à acadêmica Leide câmara por Anna Maria Cascudo Barreto</b> .....	102
<b>Discurso de posse da acadêmica Leide Câmara - Um momento de gratidão</b> .....	111

## NECROLÓGIOS

<b>Pery Lamartine: O Vôo Infinito</b>	
<i>Anna Maria Cascudo Barreto</i> .....	118

*Artigos e Ensaaios*

## Câmara Cascudo – O professor

*Jurandyr Navarro*

**A**o vulto marcante, singular e humano do consagrado mestre da antropologia, da etnografia, do folclore e da literatura é que se homenageia nesta página, num contributo à sua memória, imperecível para a inteligência do Rio Grande do Norte.

Exaltado pela unanimidade dos que mourejam na intelectualidade da brava gente potiguar, o natalense Luís da Câmara Cascudo personagem internacional no cenário restrito da Cultura, situa-se na cúspide da pirâmide do saber teórico, sendo, por tal evidência, consagrado como uma das expressões notáveis do seu Estado.

Conhecedor de várias ciências da área dedutiva, o mestre Câmara Cascudo foi, em vida, um ponto de convergência para todos aqueles sequiosos por abeberarem-se em fonte tão dadivosa do pensamento humano.

Vivo, conquistou imenso cabedal de conhecimentos para, depois de morto, distribuí-lo às novas gerações, através dos ensinamentos encerrados em obra tão grandiosa.

O seu acervo cultural será sempre visitado pelos que ardem o espírito em busca de conhecimentos, tais abelhas laboriosas que volitam em torno do roseiral.

Nascido eu, em Natal, naturalmente que desde jovem habituei-me em acalantar, no espírito, a sua decantada sabedoria no ramo das ciências ditas sociais. Igualmente a todos natalenses acompanhei a sua vida de homem bom e de homem culto, iluminando as inteligências de muitas gerações estudiosas.

Dentre os atributos inerentes à sua atividade cognitiva, o que Luís da Câmara Cascudo marcou indelével, na minha memória perceptível, foi, a sua postura de professor.



Adolescente, estudava eu no Marista e o mestre ali lecionava História das Civilizações. Ministrava poucas aulas, mas que eram verdadeiras palestras. Afigurava-se uma espécie de professor visitante, classificação atribuída, atualmente, no sistema universitário.

Pesquisador e escravo de suas investigações, sobrava-lhe pouco tempo para outros devaneios da sua alma sensível.

Como dizia acima, impressionou-me a sua eloquência na sala de aula, onde verbalizava como nenhum outro, por inexcedível nos assuntos de sua preocupação científica. Eloquência didática adornada não só de sua conhecida retórica de grande tribuno; mas, também, do conteúdo da disciplina que ensinava, pelo peso



ICC02 - Natal, década de 70.

Fonte: Acervo LUDOVICUS - INSTITUTO CÂMARA CASCUDO

reconhecido da sua autoridade, de mestre consumado que era.

Recordo-me que o seu horário na classe iniciava às onze horas e ultrapassava, algumas vezes, mais de meia hora dos cinquenta minutos regulamentares. Todavia, mesmo

assim, nenhum aluno reclamava, já que todos ficavam silenciosos, atentos e embevecidos, como que magnetizados pela magia da sua palavra erudita e comovedora.

A cabeleira ondulante acompanhava a ritmia dos gestos e das palavras, enquanto o professor dissertava sobre: a Babilônia e seus jardins suspensos, uma das sete maravilhas da Antiguidade. Falava da Torre de Babel e da confusão das línguas ali reinante, quando o Homem, desafiando a Deus, desejava atingir o seu Trono, e os seus obreiros, cegos de ira, atiravam flechas, visando atingir o Céu, e quando elas voltavam, desciam ensanguentadas

...

E o mestre continuava o seu discurso maravilhoso, interrogando a Esfinge do deserto tebano. Questionando o Egito e as reluzentes dinastias dos Faraós. A religião monoteísta de Aknaton e da fiel Nefertitti. Sobre os deuses pagãos. Decifrava a mitologia greco-romana. O esplendor da Grécia clássica, o Século de Péricles. A Organização de Roma, o seu Direito, o Século de Augusto. Perlustrava os caminhos da civilização, abertos pelas hordas bárbaras de Alexandre, onde o sol não tinha ocaso tal a dimensão de suas conquistas. E os espaços abertos por Júlio César, dominador das Gálias; do general Cipião Emiliano, vencedor do bravo cartaginês, o lendário Hannibal Barca. E discorria sobre os códigos de Hamurabi, o de Justiniano, o de Napoleão.

Invocava as mulheres célebres: Hipácia, a mulher mais culta da Antiguidade; Aspásia, a filósofa, amante de Péricles; a bela Cleópatra, rainha do Nilo; Hildegarda, a sábia medieval; Joana D'Arc, a Donzela de Orleans e heroína da França; Maria Antonieta e seus cabelos brancos...

Essas aulas causavam tanto interesse no espírito do alunado que pareciam com os raios de uma nova aurora da ciência histórica; ensinada, com proficiência, por um professor diferente dos outros e que, na elevação do pensamento, lembrava, de alguma forma, o magistério de Pedro Abelardo e de Alberto Magno, luzeiros da pedagogia.

Com o período das férias veio a separação. Do mestre eloquente, só restava a lembrança dadivosa e o eco, cada vez mais distante, da sonoridade da sua voz rouca de barítono.

Os dias radiosos de suas aulas transformaram-se na melancolia das tardes tristes, matizadas pelo sentimento penível da saudade.

E a noite desceu, aos corações dos seus alunos, no dia da sua despedida.

Foi, e continua a ser Luís da Câmara Cascudo, uma espécie de hierofonte grego, a decifrar os enígmata da nossa História.

**\*Jurandyr Navarro** é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº 28.

## Juvenal Galeno & Câmara Cascudo – Semelhanças

*Anna Maria Cascudo Barreto*

Juvenal Galeno da Costa e Silva e Luís da Câmara Cascudo foram ícones imorredouros e fazem parte do mundo cultural brasileiro. Há miríades de semelhanças nas suas trajetórias existenciais. Tanto o genitor de Cascudo, o “Herói oculto” que foi Francisco Justino de Oliveira Cascudo quanto Juvenal foram Alferes nos Quadros da Guarda Nacional e possivelmente amigos, além de companheiros de farda, pois o primeiro nasceu em 1836 e o segundo em 1863. Nordestinos, com muita honra.

Voltemos às coincidências com Luís da Câmara Cascudo. Interessado em patrocinar e divulgar a ciência, em âmbito nacional, Juvenal recebeu a Comissão Científica de Exploração, dirigida por Freire Alemão, composta por doze pessoas, incluindo Raja Gabaglia, Capanema e o poeta Gonçalves Dias, (que tanto o inspirou) ficando hospedados na residência dos pais de Juvenal.

Luís da Câmara Cascudo era um semeador de saberes. Na sua casa, incentivava e valorizava os talentos, alguns até então desconhecidos. Fabião das Queimadas, filho de escravos e poeta, foi introduzido nos salões potiguares e divulgado por Luís da Câmara Cascudo, Elói de Souza e Henrique Castriciano. Depois, a alta sociedade local procurou estudá-lo e ele se tornou o personagem merecido. Jorge Fernandes autêntico gênio poético, era considerado maldito, uma espécie de fora-da-lei, pelo seu temperamento. Atendendo a pedido de Cascudo, grande admirador, seu pai, Francisco Cascudo editou gratuitamente, o livro de Jorge, enquanto Luís escrevia sobre ele aos grandes vultos nacionais, como Monteiro Lobato e Mário de Andrade, tornando-o reconhecido com justiça.

Ambos jornalistas e pioneiros. Cascudo se iniciou na Imprensa (jornal que circulou de 1813 a 1927, distribuído e não vendido) com coluna diária, intitulada “Bric-a-Brac, em 1918. Foi certamente o introdutor do jornalismo histórico, com as suas “Actas Diurnas”. Juvenal fundou e fez circular o primeiro periódico cearense, no setor literário. “O Sempre Viva” foi editado de 1850 e em 1853 o jornal da imprensa estudantil marcou época. Foram, portanto, os introdutores do jornalismo litero-social no nordeste do Brasil.

O livro de Juvenal Galeno, “*Lendas e Canções Populares*” de 1865 foi saudado por Machado de Assis e Franklin Távora, considerado um documentário precioso para o estudo e pesquisa dos usos, costumes e tradições populares. Juvenal também se destacou na cátedra, professor dedicado, compondo “*Canções Populares*” e rotulado como “O Poeta da Juventude”.

Luís da Câmara Cascudo foi reconhecido como um dos mais completos mestres do Brasil, na época. Primeiramente, como professor de História do Brasil, depois História Geral e na Faculdade de Direito da UFRN com aulas-shows em Direito Internacional Público. Na fundação da UFRN, a aula inaugural foi da sua autoria, até os dias atuais considerada um exemplo e um modelo em termos de erudição e texto. Sua tese, sobre “*Intencionalidade do descobrimento do Brasil*” é citada por estudiosos historiográficos internacionais. Amava a cátedra, se realizava ensinando, e até sua morte recebia discípulos atentos sobre os mais diversos assuntos.

As coincidências entre figuras tão geniais não param aqui. Juvenal Antunes hospedou um velho pescador, João Gomes e inspirado na sua vivência escreveu “*Cenas Populares*” em 1891. Cascudo ainda não nascera (veio ao mundo em dezembro de 1898) mas seu amor pelos pescadores e suas lendas, Pedro Perna-Santa e Manoel Pescador se concretizou em vários livros sobre alimentação, gestuais, e finalmente “*Jangada, uma pesquisa etnográfica*” (1957) e “*Os Jangadeiros*”, do mesmo ano. Foi um amante do povo e das suas manifestações, numa época em que se

rodear de brincantes era considerado “vadiagem” e ele necessitava retirá-los da cadeia constantemente. Preconceitos arraigados...

O Conde d’Eu, da corte portuguesa, quando esteve visitando Fortaleza, emocionou Juvenal até as lágrimas, recitando estrofes do seu livro “O Filho do Vaqueiro”. Luis da Câmara Cascudo foi o maior biógrafo do mesmo fidalgo, em livro de 1933. Aliás, Juvenal Galeno ultrapassou em muito as fronteiras do seu estado, Ceará, e até do Brasil, graças a sua majestosa obra. Luis da Câmara Cascudo, fluente em vários idiomas – inclusive no tupi-guarani – escreveu sobre Lopez do Paraguai; Em Memória de Stradelli, famoso botânico italiano que conviveu com os indígenas, em 1967; foi tradutor de “Viagens ao Brasil de Henri Koster”, em 1942; interpretou Cinco Temas do Heptameron na Literatura Oral, no Porto, Portugal, em 1954; escreveu “Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil”, em 1963; “O Grande Fabulário de Portugal e do Brasil” em Lisboa, 1963. Não se pode olvidar seu encantamento pela África. Lá esteve, conversou com seu povo, deu conferências, e seus livros “A Cozinha Africana no Brasil”, feito em Luanda, em 1964 e “Made in África” até os dias atuais são cotejados e citados.

Na biblioteca de Câmara Cascudo, pertencente ao acervo do Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus – que tenho a honra de presidir, encontramos alguns livros preciosos de Juvenal: “*Cantigas Populares*”, “*Folhetins de Silvanos*”, “*Lendas e Canções Populares*” (1865). Na sua correspondência, temos missivas de Henriqueta Galeno, filha de Juvenal, que fundou e foi a primeira Diretora da Casa Juvenal Galeno. Existem duas cartas de sua autoria para Cascudo, a primeira de dois de setembro de 1949 e a segunda de dez de novembro de 1958. Cândida Galeno, neta de Juvenal, substituiu a tia Henriqueta na direção da casa biográfica. Temos dela duas cartas para Cascudo, de 27 de julho de 1960 e de três de agosto de 1977. Por ocasião do falecimento do Mestre Cascudo, ela enviou um telegrama para Dália Freire Cascudo, sua viúva e minha genitora, apresentando suas condolências pelo desaparecimento de um autêntico amigo.

Ainda registramos que em 27 de setembro de 1949, Luis da Câmara Cascudo foi o orador escolhido para proferir uma palestra sobre a vida e obra de Juvenal Galeno, que ele reconhecia como o mais completo poeta popular cearense.

Na estrela em que os dois habitam cercados dos personagens populares que tanto amaram, ao som do bumba, caboclinhos e pastoris, certamente estão enviando lampejos de estrelinhas coloridas, diante do fato feliz de uma descendente Cascudiana tomar posse como sócia benemérita na Casa de Juvenal Galeno, pois em vida foram parceiros pela mágica da cultura popular.

Natal, 23 de abril de 2014.

**\*Anna Maria Cascudo Barreto** é escritora, ocupante da cadeira nº 13 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Instituto Câmara Cascudo.

# Floriano Cavalcanti de Albuquerque

Uma vida, um destino, uma consagração.

*Odílio Botelho Medeiros*

**F**ui duas vezes aluno do Professor Floriano Cavalcanti. A primeira, no antigo e querido Atheneu Norte-rio-grandense, no ano de 1957, quando o velho Mestre lecionava a disciplina “História Geral”, também conhecida como “História Universal” e a segunda, nos bancos da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, precisamente no ano de 1965, onde exercia ele a cátedra universitária denominada “Introdução à Ciência do Direito”. Torna-se oportuno registrar que esse foi o último ano no qual o Prof. Floriano lecionou, porquanto seria atingido pela justa e merecida aposentadoria compulsória, o que ocorreu efetivamente no final do referido ano. Relembro que, sob os aplausos de toda a turma, as aulas do aposentando passaram a ser uma festa quase que diária, fazendo atrair para a nossa sala do primeiro ano, da Faculdade da Ribeira, alunos de outras salas, de outros professores e, até mesmo, outros Mestres, a exemplo de Dr. Otto de Brito Guerra e Múcio Villar Ribeiro Dantas. Deslocavam-se e vinham prestigiar as aulas de despedida do virtuoso professor. Devemos acrescentar que os seus alunos realizaram um jantar de despedida, com a presença de vários lentes, inclusive do diretor da Faculdade. Nessa inesquecível ocasião pronunciaram discursos o Dr. Otto e o Prof. Múcio Villar Ribeiro Dantas, representando os seus colegas professores e eu, representando a classe. Agora, um dos seus diletos filhos, o Dr. Marco Aurélio, nos presenteia com esse memorial de elevada descrição de uma vida intelectual, social, moral e política que poucos conseguem atingir com glória e tanta eficiência. Ao folhearmos o alentado trabalho que foi desenvolvido pelo autor, poderemos aquilatar as qualidades morais do homenageado e a riquíssima trajetória desse homem

público, que soube fazer da vida um exemplo vivo para os do seu tempo e das futuras gerações. Marco Aurélio – que é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – enfoca, com rigor histórico e de maneira muito realista o que nos proporcionou o jurisconsulto Floriano Cavalcanti, não somente no campo da cultura, como um todo, mas, e principalmente, no universo da paisagem humana, social e espiritual. Por isso, é que o autor detalhou o seu trabalho, após minuciosa e excelente pesquisa, em campos distintos da múltipla, efervescente e trepidante obra do seu estimado genitor. Assim, são ressaltados os dotes absolutos de uma vida que contribuiu, de forma plena, para o ajustamento de uma sociedade sedenta de ensinamentos e de exemplos de honradez. Não se torna exagerado afirmar que tudo em Floriano Cavalcanti se tornava grandiloquente. E de tudo isso Marco Aurélio nos dá conta. Retrata com muita profundidade o Floriano filosófico: o professor sacerdotal; o jurista de teses cultas e avançadas; o político ideológico; os contornos sábios da oratória e o magnetismo do conferencista inflamado do ardor das teses sustentadas. E que dizer do Floriano praticante do mais puro humanismo? Para ele o exercício diário e natural do conviver se irradiava na prática da coexistência social, nos exemplos e nos contornos da sinceridade. Aliado a tudo isso, resplandecia com todo fulgor um sistema espiritual que ele desenvolvia com muita convicção e o transmitia com a sabedoria dos monges. O sentimento de admiração que a nossa geração devota ao velho Mestre é tanto, que o próprio autor faz elencar várias manifestações registradas vida a fora, por estudiosos e alunos do respeitado contemporâneo. Como muito bem se pronunciam, entre outros, Jurandyr Navarro, Armando Roberto Holanda Leite, Laércio Segundo de Oliveira, José de Anchieta Ferreira, Carlos Roberto de Miranda Gomes, João Batista Pinheiro Cabral e Câmara Cascudo. Jurandyr, resume, com um toque mágico, o seu pensamento sobre Floriano Cavalcanti, conforme consta do livro: *“Quem conheceu Floriano Cavalcanti de Albuquerque jamais esquecerá na memória o seu porte elegante e altivo de intelectual, mirando o infinito pelo pensamento, como altiva e elegante era a*



*sua cultura tridimensional e espiritualizante.*” Como não poderia deixar de ser, o autor também consigna o pensamento de Câmara Cascudo que afirmou: “*Floriano Cavalcanti nasceu com a fidelidade ao livro e daí sua história ser essencialmente a história de uma inteligência e não a odisséia de uma ambição humana*”. Conforme se vê, foram torrenciais as manifestações colhidas pelo autor em prol da vida e da obra do Prof. Floriano, traduzidas pelo relato de várias personalidades ou conforme dão notícia as reportagens publicadas pela imprensa escrita do nosso Estado, uníssonas quanto ao valor do inesquecível homem público. É imperioso registrar, nesta oportunidade, o chefe de família que foi Floriano Cavalcanti. Constituiu com amor fraternal de pai amantíssimo uma prole que podemos denominá-la de *prole do bem*, tal a envergadura moral e intelectual que destinou aos filhos, todos nominados no trabalho de Marco Aurélio. Alguns já descansam na eternidade, os outros perfilam honradamente em nosso contexto social, úteis ao bem-estar comum e a sociedade potiguar. A semente plantada frutificou com abundância para a felicidade de nós outros, seus contemporâneos. É do domínio público o amor que o eminente juiz dedicava aos seus filhos, com lições benfazejas de perseverança e de respeito ao próximo, atitudes todas revestidas de pura ternura e transparente equilíbrio. As reuniões constantes no tradicional casarão da Av. Nilo Peçanha comportavam a família e os amigos, num admirável festival de sentimentos. As rosas do jardim cultivadas e colhidas por um homem sensível aos ditames da natureza eram distribuídas generosamente aos que tiveram a dádiva de com ele conviver. O livro demonstra claramente as qualidades intrínsecas de um homem que se dedicou completamente ao seu meio-ambiente, quando, mercê de sua cultura e genialidade, poderia ter se isolado egoisticamente, se confrontado com outras *celebridades*. Entretanto, realista, conservava dentro dele o borbulhar da cultura e a altivez característica dos grandes homens. Entendo que o livro do escritor Marco Aurélio retrata, com a maior dignidade, a movimentada trajetória de uma vida riquíssima em saberes e cristalizada por valores irretorquíveis. Ortega y Gasset,

já dizia que: “Os indivíduos, à semelhança das gerações têm destino preestabelecido, do qual se não podem afastar sob pena de censura da sociedade”. E com plena certeza, Floriano Cavalcanti de Albuquerque, durante toda a sua profícua e dinâmica vida jamais se afastou do chamamento social, sendo uma válvula permanente de trabalho, dignidade e um exemplo a ser seguido por gerações. Toda essa virtuosidade teve uma inspiração maior: o amor e o respeito que ele devotava a sua musa e companheira de todas as horas, a Senhora Dulce Arimá da Câmara Cavalcanti. Com esse desiderato, acreditamos que a incansável pesquisa agora transformada em livro, por Marco Aurélio, será de grande valia para o mundo cultural do Estado do Rio Grande do Norte e que certamente ultrapassará as fronteiras da terra potiguar.

\***Odúlio Botelho**, é escritor e advogado, ex-presidente da OAB-RN, e da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, integra a diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do RN e os quadros do Instituto de Genealogia do Rio Grande do Norte.

## A medicina passo a passo

*Daladier Pessoa Cunha Lima*

Em Hamlet – quarto ato, cena 3 – Shakespeare usou a expressão: “As doenças desesperadoras se curam com medicações desesperadas”. Ao longo do tempo, a medicina parece mesmo seguir o grande bardo inglês, na busca de tratar os diversos tipos de cânceres. São medidas heróicas que, se causam transtornos ao bom funcionamento de órgãos e tecidos, precisam ser usadas para combater um mal maior. Paracelso, médico do século XVI, que recebeu severas críticas mas também vivos aplausos, disse certa vez que todo remédio é veneno disfarçado. O médico indiano, Siddhartha Mukherjee, em seu livro “O Imperador de Todos os Males”, afirma que a quimioterapia do câncer, consumida pela feroz obsessão de eliminar a célula cancerosa, tem suas raízes na lógica contrária: todo veneno pode ser remédio disfarçado. Sabe-se que a terapia das doenças ditas malignas avançou muito, já tendo sido quebrado o tabu que as envolvia, embora ainda persista um certo temor. Porém, o temor é mais em relação aos efeitos colaterais das drogas usadas, do que em relação à própria enfermidade.

Até o século XIX, a medicina teve um avanço lento, no entanto com grande significação para algumas áreas. Basta citar a descoberta das vacinas e da anestesia, o mundo dos micróbios foi exposto, a cirurgia tornou-se mais viável e menos traumática, enfim, o empirismo deu lugar a uma prática com base em métodos científicos. Porém, a partir do século XX é que a medicina, seguindo a evolução da ciência, atingiu um alto grau de segurança, no uso de novas tecnologias, tanto para o diagnóstico quanto para o tratamento. Alguns avanços do passado, como as vacinas, passaram a ser usados de forma mais global, com efeitos fantásticos na prevenção de doenças, tais quais a varíola, a difteria e a febre amarela. Com Salk e Sabin, já na metade do século XX,

a pólio deixou de ser o pesadelo que era para os seres humanos. Em 1921, na cidade de Toronto, no Canadá, dois pesquisadores – Frederick Banting e Charles Best – isolaram a insulina, e um novo alvorecer surgiu para os diabéticos de todo o mundo.

Penso que existem duas eras da prática médica, a pré e a pós antibiótico. Quando menino, antes do uso desses medicamentos, quase sofri amputação de um dedo do pé, pois uma infecção se instalou em uma ferida causada por uma simples topada. A descoberta da quimioterapia antimicrobiana é o evento que mais benesses trouxe à prática médica. O maior precursor da quimioterapia é o alemão Paul Erlich (1854-1915), que, em 1910, revelou para o mundo o tratamento da sífilis, com o produto Salvarsan. Em seguida, vieram as sulfas, através de outro alemão, Gerhard Domagk (1895-1964). No entanto, o primeiro antibiótico, a penicilina, deve-se a Sir Alexander Fleming (1881-1955), por meio de estudos revelados ao público no início da década 1930. Alexander Fleming deve ser considerado um dos maiores benfeitores da humanidade.

Na histórica livraria Shakespeare and Company, em Paris, existe uma frase pregada em uma das paredes: “Não seja um mau anfitrião para os estranhos, pois eles podem ser anjos disfarçados”. A quimioterapia usa uma substância estranha ao organismo humano, para combater diversas doenças. Estranha aos tecidos e órgãos, a quimioterapia para tratar neoplasias quase sempre é agressiva, mas o doente deve recebê-la como bom anfitrião, pois ela, mesmo sem ser anjo disfarçado, pode se tornar em santo remédio.

**\*Daladier Pessoa Cunha Lima** é médico e professor, Reitor da UNI- RN.

## A primeira Academia de Letras Feminina do Estado

*Francisco Martins*

\*

A escritora Zelma Bezerra Furtado de Medeiros, que também é poeta e pesquisadora foi a idealizadora e fundadora da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte - AFLRN, em 22 de abril de 2000.

Ao longo destes 14 anos de existência a Academia Feminina de Letras vem ganhando espaço no seio cultural e prestando serviço à comunidade. Também em Mossoró existe a Academia Feminina de Letras e Artes Mossoroense- AFLAM, fundada por Maria de Fátima de Castro, em 17 de agosto de 2007.

Ambas as instituições têm sido Arcádias vivas e atuantes na cultura do Estado, porém, a ideia de se ter uma academia feminina no Rio Grande do Norte não nasceu com Zelma Bezerra Furtado de Medeiros, bem antes dela pensar nisto, precisamente 48 anos antes da fundação da AFLRN houve em Natal uma instituição fundada com este propósito.

A grande curiosidade é que as duas academias femininas nasceram no mesmo mês, a primeira do Rio Grande do Norte em 1952 e a segunda em 2000. Até as datas estão bem próximas, respectivamente 21 e 22 de abril.

Vamos então conhecer esta história.

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras - ANL já estava em funcionamento desde 1936, portanto, há 16 anos. Naquela época, o Presidente era Paulo Viveiros. As mulheres sentiram então o desejo de fundar a sua academia, embora reconhecessem que Palmira e Carolina Wanderley eram imortais da ANL e que esta escolhera três mulheres para compor o quadro de patronas: Nísia Floresta (Cadeira 2), Isabel Gondim (Cadeira 8) e Auta de Souza (Cadeira 20).

O certo é que no dia 28 de fevereiro de 1952, um grupo de mulheres formado por Nara de Oliveira Cristina Coelho, Helione Dantas, Nívea Andrade e Raimunda Paiva começaram a dar corpo a esta ideia. Já nesta primeira reunião ficou decidido que a instituição seria conhecida pelo nome de Academia Feminina de Letras Berta Guilherme.

Berta Guilherme, que na verdade se chamava Maria Albertina Guilherme, foi uma professora do Atheneu, a primeira mulher a ensinar Filosofia no Estado. Sobre ela, escreveu recentemente o acadêmico Jurandyr Navarro:

*Era uma mulher de ação dotada de espírito operoso.  
Para ela, toda vitória alcançada era prelúdio de outra seguida vitória.  
Eloquente a sua participação intelectual, do seu tempo,  
ao ponto de ser homenageada com a criação de uma  
Arcádia literária, intitulada  
Academia de Letras “Bertha Guilherme”,  
tributo raro nos anais culturais da nossa terra.*

Em março de 1952 é feita mais uma reunião, desta vez na residência de Nívea Andrade. Nela, além de definirem a data da sessão de fundação, também é escolhida a diretoria que fica assim constituída: Presidente: Helione Dantas, Vice Presidente: Neide Gadelha, 1ª Secretária: Nívea Andrade, 2ª Secretária: Cristina Coelho, Tesoureira: Teresinha Paiva, Bibliotecárias: Maria do Rosário Porpino e Alix Guerra C. Lima. Trinta patronas foram escolhidas.

A comissão entra em contato com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e agendam a sede desta instituição para ser o local da sessão de fundação, que acontece na noite de 21 de abril de 1952. Naquela noite, a oradora escolhida é a Dra. Myriam Coely de Araújo. A sessão foi presidida pelo Secretário Geral do Estado, Américo de Oliveira Costa e contou com a presença de Palmira Wanderley que recordou nomes de mulheres na literatura potiguar e falou sobre Berta Guilherme.

Estava fundada a primeira Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte.

### **REFERÊNCIAS:**

NAVARRO, Jurandyr. Professora Maria Albertina Guilherme. In: LIMA, D.C.; BARROS, E.C.A.C. (Org.). **Construtores da Ágora Soberana Potiguar – Múltiplas Memórias – Professores do Atheneu Norte-Rio-Grandense (1892/anos 1960)**. Natal: Ed. Infinita Imagem, 2014. p.205.

**Tribuna do Norte**, Natal, 29 fev 1952. Revista da Cidade, p.2.

\_\_\_\_\_, Natal, 25 abr 1952. Revista da Cidade, p.2.

\***Francisco Martins** é escritor e poeta. Guardião da Biblioteca Padre Luís Monte, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

## Mais do que um espaço comercial: A Livraria Cosmopolita do Velho Fortunato Aranha

*Maiara Juliana Gonçalves da Silva*

No atual ano de 2014, em Natal/RN, é possível contarmos nos dedos de uma única mão o número de livrarias que a nossa capital dispõe. Algumas destas livrarias estão localizadas no interior do nosso grande espaço de consumo: os shoppings center, e outras isoladas em duas das principais avenidas da capital. Em nosso corriqueiro cotidiano, acabamos passando pelas nossas livrarias de forma que não concedemos a tais espaços muito de nossa atenção; entre os nossos variados hábitos, pouco temos do costume de frequentá-las, dependendo nosso tempo para folhearmos as páginas de alguns livros, sentindo o cheiro das folhas novas enquanto tomamos um delicioso expresso nos serviços de café oferecidos por algumas livrarias locais. Os livros folheados de maneira curiosa e apressada parecem não mais prender a nossa atenção. As livrarias em nossa cidade não aglutinam mais àquelas pessoas que tinham como hábito diário estacionar nas calçadas das livrarias da velha Natal, trocando entre amigos algumas dúzias de palavras sobre o mais recente livro publicado no Rio de Janeiro, sobre o último romance francês traduzido, sobre a literatura local. Mas, de fato, houve tempos assim na cidade do Natal?

No ano de 1891, um jovem paraibano fixava residência na cidade do Natal, Rio Grande do Norte, e tornava-se o primeiro livreiro da capital potiguar. Fortunato Rufino Aranha instalou a primeira livraria da cidade na Travessa Quintino Bocaiúva – antiga Rua 13 de maio e atual Rua Dr. Barata<sup>1</sup>. A Cosmopolita tornou-se ponto de encontros de literatos potiguares da época em que se

---

1. Luís da Câmara Cascudo, em uma crônica intitulada *O Velho Fortunato*, publicada no jornal *A República*, de 27 de julho de 1949, escreve sobre o velho Fortunato Rufino Aranha, o primeiro livreiro da cidade do Natal.



reuniam sob o abrigo do estabelecimento, ao lado de políticos, boêmios e comerciantes. Em uma crônica publicada no jornal *A Republica*, datada de 27 de junho de 1949 e intitulada *O velho Fortunato*, Luís da Câmara Cascudo descreveu a Cosmopolita como “o quartel general por onde todo o Natal que comprara ou espiava livros ia desfilir quase diariamente”.

Nas palavras do memorialista João de Amorim Guimarães, Fortunato Aranha era personagem que imprimia respeito absoluto e uma confiança sem limites. O forasteiro Fortunato tornou-se figura popular na capital potiguar por meio da sua função de comerciante. Sua popularidade no comércio contribuiu para que o major viesse a ocupar o cargo de intendente da cidade – um cargo semelhante à função de prefeito. Assim, Fortunato exerceu o primeiro cargo na Intendência Municipal oito anos depois de sua chegada na capital norte rio-grandense, compreendendo os anos de 1899 a 1910. Posteriormente, o livreiro ainda assumiu a gestão da Intendência nos anos de 1917 a 1922 e, finalmente, em 1926 a 1930 – ocupando, nesta gestão, o cargo de vice-prefeito. Após cumprir a função de intendente, Fortunato Rufino Aranha sempre voltava à companhia de seus livros no estabelecimento na Rua 13 de maio, onde a fachada ostentava o letreiro “*artefactos para escriptório*”. Na imagem abaixo podemos vislumbrar a Rua 13 de Maio e a fachada da Livraria Cosmopolita, localizada à direita na figura.

A Livraria Cosmopolita de Fortunato Rufino Aranha



**Fonte:** Autor da foto: desconhecido. A foto compõe o acervo *380 Anos de História Fotográfica da cidade de Natal – 1599/1979*, Editora Universitária, UFRN.

A Cosmopolita teria surgido a partir do grande estoque de livros que o paraibano dispunha em sua residência. A partir de então, Fortunato Aranha transformou-se em um notável negociante de livros. O livreiro deveria manter um negócio rentável com a instalação da Cosmopolita, uma vez que o comerciante era um dos que figurava nas listas de maiores contribuintes do município e do Estado, ocupando o décimo lugar na lista dos contribuintes do imposto de classe<sup>2</sup>. O estabelecimento Cosmopolita divulgava a comercialização de seus produtos no seguinte anúncio no jornal *A Republica* em 4 de maio de 1898:

*Livraria Cosmopolita de Fortunato Aranha – Rua 13 de Maio – Grande sortimento de LIVROS: Escolares; de Artes; Poesias; Theatro; Romances; Litteratura; Sciencias; Religião; etc. etc. PAPELARIA – papeis para jornaes; impressão de obras; encadernação, pintados para forro, de sedas para flores; desenhos; bristol; etc. etc. Objectos de escriptorio, livros em branco, artigos de musica etc. etc.*

Acreditamos que o bom rendimento da livraria do paraibano era possibilitado menos pela comercialização de livros – exceto os livros didáticos – e mais pela venda de outros artigos vendidos pela Cosmopolita. Em uma sociedade que, ainda no início do século XX, apresentava poucos hábitos de leituras, é pouco possível acreditarmos em um grande sucesso de vendas e, conseqüentemente, de aquisições de livros por parte da sociedade potiguar. Entre o sortimento de livros da Cosmopolita encontramos anúncios de venda de obras especializadas em Direito como, por exemplo, o *Manual do Código Civil, Leis do Brazil e Guia eleitoral de 1904*. Juntamente com as obras de cunho jurídico, a livraria comercializou também livros indicados pelas instituições educativas da cidade do Natal, a

2 Segundo o historiador Renato Santos, que produziu um estudo acerca dos intendentes da cidade do Natal, Fortunato Rufino Aranha, ex-intendente da cidade do Natal, ocupava o décimo lugar na lista dos contribuintes do imposto de classe. Consultar: SANTOS, Renato Marinho Brandão. Natal, outra cidade!: o papel da Intendência Municipal no desenvolvimento de uma nova ordem urbana (1904-1929). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2012. p. 93.

saber: escola secundarista Atheneu Norte-rio-grandense, grupo escolar Augusto Severo e Escola Normal<sup>3</sup>. Na Cosmopolita, os frequentadores ainda podiam comprar alguns livros de autoria<sup>3</sup> de escritores norte rio-grandense, como, por exemplo, o *Hôrto* (1900), de Auta de Souza; *Mães*(1898) e *Ruínas* (1899), de Henrique Castriciano; e *Ensaio e crítica de literatura* (1923), de Armando Seabra. O rendimento da livraria era endossado pela venda de revistas e jornais publicados em âmbito nacional e no exterior.

Na crônica escrita sobre o velho Fortunato, Cascudo descreve que, por meio do comerciante, muitos livros e revistas ilustradas remetidos da cidade do Rio de Janeiro chegaram à cidade do Natal. Quanto às revistas de âmbito nacional podemos mencionar: as revistas da capital federal *A Rainha da Moda* (a “revista do chic), *Leitura para todos*, as revistas ilustradas *O Tico-tico* e *O malho*, *Jornal do Brazil* e a *Revista da Academia Brasileira de Letras*; esses periódicos aparecem referenciados no jornal *A Republica*, respectivamente, nos seguintes anos: 22 out. 1906, 25 out. 1906, 27 jul. 1949, 03 nov. 1906, 06 nov. 1907 e 10 jan. 1911. Sobre as revistas internacionais, na Cosmopolita podia-se encontrar a *La hacienda*, revista destinada aos interessados no mundo agrícola e publicada em Nova Iorque. Essas informações levam-nos a aferir a existência de uma rede a qual Fortunato Aranha estava inserido em um circuito estabelecido entre livrarias de outros estados e países.

No que respeita a comercialização de periódicos norte rio-grandenses, colhemos informações sobre a venda da *Revista do Rio Grande do Norte*, periódico veiculado pelo *Grêmio Polymathico*, noticiado no jornal *A Republica* em 11 de janeiro de 1898. Afora a venda de revistas em números avulsos, a livraria Cosmopolita também foi ponto de assinaturas da referida revista publicada pela associação literária presidida pelo ex-governador do estado e escritor Antônio José de Melo Souza. Acreditamos que a livraria abrigava igualmente assinaturas de outras revistas que circularam pela cidade do Natal, o que nos leva a crer que as livrarias eram

3. SANTOS, Renato Marinho Brandão. Op. Cit. p. 95.

utilizadas como pontos destinados à comercialização de revistas e de jornais.

Ao sortimento de livros e revistas somava-se ainda a comercialização de bilhetes de loterias e venda de remédios e de emulsões. Em 24 de julho de 1906, a livraria Cosmopolita anunciou no jornal *A Republica* a venda da emulsão dr. Humphreys. Em outubro do mesmo ano, também foi anunciado no mesmo jornal a venda de outros produtos farmacêuticos como, por exemplo, as pílulas de vida do doutor Ross.

Nas primeiras décadas do século XX na cidade do Natal, a Livraria Cosmopolita viveu os seus anos dourados. A rentabilidade da livraria resultou na instalação de mais uma nova filial da Cosmopolita fixada no bairro da Cidade Alta, localizada na Travessa Ulysses Caldas – antiga praça do mercado e atual Rua Ulysses Caldas. O jornal *A Republica* anunciava em 03 de agosto de 1900: “Na nova filial da Livraria Cosmopolita serão encontrados todos os artigos de negócios por preços rigorosamente honestos”.

No entanto, a Cosmopolita não era apenas uma livraria. Fortunato Rufino Aranha havia conquistado a simpatia dos habitantes potiguares. Segundo a autora Rejane Cardoso, na obra *400 nomes de Natal*, o velho livreiro era “capaz de reunir, diariamente, na calçada do estabelecimento uma roda de amigos que compreendia intelectuais, magistrados e boêmios”. Apesar do carisma e da popularidade do livreiro, como a Cosmopolita consistia em um ambiente que aglutinava diversas obras e periódicos literários, era natural que a livraria de Fortunato se desenvolvesse como ponto de encontro entre os homens de letras da época.

A Cosmopolita, como única livraria de uma cidade que buscava o progresso da sua vida literária de modo entusiasmado, consistiu em um dos principais centros de informações acerca das novidades e fluxos referentes à literatura local, à nacional e à internacional. Nesse ambiente, os homens de letras da cidade iam adquirir obras literárias ou assinar periódicos. A livraria foi importante para as necessidades ligadas à informação de diversos

tipos. Além do caráter informativo referente a acontecimentos locais e nacionais, uma visita à Cosmopolita contribuía para a atualização acerca do que estava sendo produzido no Rio Grande do Norte e no restante do país, em termos culturais.

Podemos acrescentar que, naturalmente, a livraria Cosmopolita tenha sido um espaço propício ao florescimento de discursos sobre questões do universo literário. Possivelmente, cada jornal adquirido ou cada obra comercializada propiciava o desenvolvimento de diálogos informais ou de debates intelectuais sobre as últimas literaturas publicadas na cidade.

O ambiente da livraria era frequentado por letrados da cidade motivados, provavelmente, pela possibilidade de fomentar tertúlias literárias das quais participava o próprio proprietário do estabelecimento. Fortunato Aranha não era apenas considerado um negociante de livros. O livreiro é identificado por João de Amorim Guimarães como “o principal leitor de todos os romances, de toda a infinidade de livros que enchiam aquelas enormes estantes da sua livraria, lendo sem cansar, ilustrando o espírito, alegrando a alma”. Por conseguinte, além de comerciante, o livreiro também pode ser considerado um conhecedor do universo literário de âmbito local, nacional e, até, internacional.

Além da função de “conhecedor” do universo literário, local e internacional, Fortunato assumiu outros papéis. Como homem de letras, o livreiro publicou no ano de 1918 um livro intitulado *Páginas Litterárias*. O livro reunia comentários sobre os discursos de Rui Barbosa enunciados entre os anos de 1877 a 1917. Em 27 de abril de 1918, o jornal *A Republica* anunciou o livro de Fortunato Aranha e confirmava a garantia de sucesso da primeira, e única, publicação do dono da Cosmopolita.

Fortunato Rufino Aranha também desempenhou a função de *intermediário cultural*. Para o historiador Robert Darnton, o intermediário cultural se trata do indivíduo que se relaciona com a palavra escrita, mas não necessariamente na condição de escritor – por exemplo: tipógrafos e vendedores de livros. O comerciante

paraibano assumia essa função avaliando a oferta e a demanda de obras e de jornais e revistas comercializadas na capital, filtrando, conseqüentemente, o fluxo da literatura na cidade do Natal. A função de intermediário cultural torna-se mais ainda importante pelo fato da Cosmopolita apresentar-se como a única livraria existente na capital potiguar, pelo menos até os anos de 1930. Portanto, Fortunato Aranha possibilitava que produtos das palavras escritas chegassem ao público leitor e consumidor.

Desse modo, o estabelecimento da rua Dr. Barata atuou como espaço que propiciou a existência de trocas agregando, socialmente, os literatos da cidade potiguar. Entre seus frequentadores assíduos, podemos identificar: o professor e (ex)procurador geral do Estado Nestor dos Santos Lima, o poeta Otoniel Meneses, o poeta Damasceno Bezerra e o ex-vice governador – na gestão de Alberto Maranhão (1900-1904) João Dionísio Filgueira. O que podemos perceber é um entrelaçamento que não era exclusivo de literatos, mas que, como já mencionado, envolvia outros indivíduos, tais como os políticos da cidade. Os impulsos que levavam aos literatos e outros homens da cidade a frequentarem a livraria Cosmopolita deveriam ser múltiplos: tertúlia literária, bate-papo cotidiano, aquisição de algum livro ou revista, adesão de assinatura de algum periódico, comercialização de algum artigo de papelaria, entre outros.

No entanto, todos os impulsos convergem para uma única consequência: a da interação, a socialização, o encontro. A Livraria Cosmopolita figurou como espaço onde se estenderam contendas literárias, onde se alimentaram as conversas sobre as produções literárias recém- emergentes na cidade e sobre os próprios produtores. No mais, os encontros na Cosmopolita eram impulsionados pela possibilidade de constituírem-se laços sociais firmes, uma vez que tais processos de interações foram construindo formas de sociabilidade no qual efervesciam as conversas diárias sobre os mais variados assuntos, com destaque para os temas literários.

Os tempos atuais, das livrarias dos grandes shoppings centers, nem de longe lembram o movimento nas calçadas da Livraria Cosmopolita, a primeira livraria da capital norte rio-grandense. Um pontinho signficante na topografia da velha cidade do Natal onde floresciam as tertúlias, as discussões, os elogios, as críticas, as conversas informais sobre a boa e a velha mania das letras, dos livros, da literatura.

**\*Maiara Juliana Gonçalves da Silva**, professora e historiadora.

## O impressionismo e a gênese da pintura moderna

*Manoel Osofie Jr.*

O Impressionismo, cujo 140º aniversário comemorase em 2014, constituiu-se num dos mais importantes movimentos da história das artes plásticas, senão o mais importante. Isto já se tem dito de sobra. A verdade é que tudo mais não passou de evolução mais ou menos pacífica. Somente o Impressionismo foi revolução.

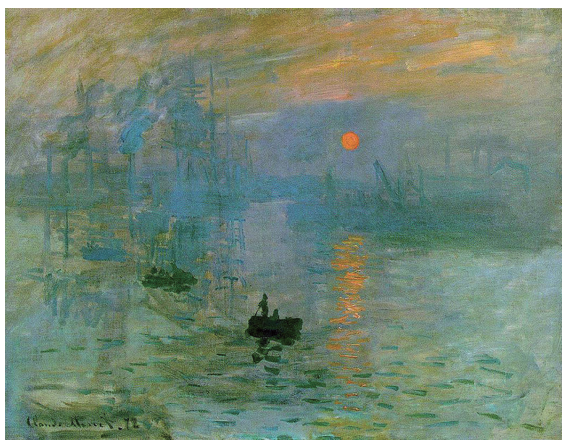
Para melhor comprovar o que afirmamos, torna-se necessário uma breve digressão histórica. Recuemos, pois, no tempo, até ao Barroco, movimento que sucedeu à arte renascentista. Pela obra dos seus grandes mestres – Tintoretto, Caravaggio, Velásquez, Rembrandt, Rubens, etc. – evidencia-se a ausência de transformações radicais. Sem aquela severa disciplina clássica, o Barroco ousava contrariar o equilíbrio, o elemento racional renascentista, para isso revelando valores nascidos do sentimento, da emoção. Miguel Ângelo preludiava-o em plena Renascença.

Já o estilo Rococó não passou de um desenvolvimento do Barroco, dentro do espírito bem francês (graça, leveza, feminilidade), aguçado pelos refinamentos aristocráticos da época. Exemplo: Watteau.

Depois, vem o Neoclassicismo. É quando se verifica a volta aos conceitos de beleza ideal, procurados não só na Renascença, mas diretamente na Antiguidade clássica. Em tudo segue-se o modelo grego ou romano. Daí, porém, se descamba para a esterilidade das academias e da arte oficial, até que, enfim, é dado o golpe de misericórdia com as primeiras manifestações românticas.



Movimento universal, abrangente, o Romantismo caracteriza-se, principalmente, pelo predomínio do sentimento, pelo culto à natureza, pelo nacionalismo, etc. Sua presença na Pintura não foi tão significativa quanto na Literatura e na Música. Romântico por excelência é Delacroix. Mas, convém não esquecer de mencionar o trio de paisagistas ingleses – Constable, Turner e Richard Parkes Bonnington – e Corot, este também classificado com naturalista.



Com o quadro *A Balsa de A Medusa*, Géricault pode ser considerado fundador da escola. Realmente, surgem profundas inovações a partir daí. Mas nos parece que nada de absolutamente novo e original. Afinal de contas, há muitos pontos de afinidade entre essa nova pintura e o Barroco. Note-se o mesmo primado do sentimento sobre a razão, a mesma dramaticidade. Outras características afins: realismo (isto é, veracidade), técnica do claro-escuro, etc.

A propósito diz Carlos Cavalcanti sobre *A Balsa de A Medusa*, em *História das Artes* (1963):

“Sob patético realismo, inspirando-se nos barrocos, sobretudo em Caravaggio, fixou Géricault a tragédia de uma das balsas, depois encontrada em alto mar”.

Segundo o mesmo autor, revelam-se na obra de Delacroix influências dos barrocos Miguel Ângelo, Caravaggio e Rubens.

Para abreviar este pequeno painel histórico, tratemos de chegar ao Realismo.

Não terá sido este movimento uma verdadeira revolução, além de simplesmente mais um “ismo”? Parece-nos que não, inclusive porque muitos dos seus elementos essenciais já vinham latentes ou expressos em vários movimentos anteriores. Nele somente se encontra um grande pintor, que é Coubert, a não ser que se queira incluir também Manet.

Escola importantíssima na Literatura, apogeu do Romance (Balzac, Dickens, Dostoievski, Tolstói e Flaubert), o Realismo quase não floresceu na Pintura, logo superado.

## IMPRESSIONISMO

Alguém já disse que os impressionistas, pintando apenas o que estava ao alcance da vista, constituíram-se em realistas, porém mais reais que realistas tipo Coubert, porque, com pesquisas sobre luz e cor, foram bem além da aparência fotográfica da realidade. Eles estavam imbuídos do espírito cientificista, então dominante, como bem frisa Sérgio Milliet no ensaio *Do Impressionismo ao Modernismo*, incluído no livro *Fora de Forma* (1942). A partir da observação da luz solar sobre as cores, construíram sua teoria revolucionária. Aliás, não sei se é válido falar nisso de teoria.

Em *História das Artes*, Carlos Cavalcanti reduz a cinco os princípios impressionistas e os resume com muita clareza. Convém transcrevê-los, tendo em vista o caráter paradigmático deste artigo:

“1º - A cor não é uma qualidade permanente na natureza, porque as suas tonalidades estão constantemente mudando, sob a ação da luz solar.

2º - A linha não existe na natureza. A linha é uma abstração criada pelo espírito do homem, para representar as suas imagens visuais.

3º - As sombras não são pretas nem escuras, como foram convencionalmente representadas no passado, mas luminosas e coloridas.

4º - A aplicação dos contrastes das cores, com os reflexos luminosos, segundo a lei das complementares.

5º - A dissociação ou mistura ótica das cores em substituição à mistura das tintas na paleta.”



Achamos que os impressionistas sofreram grande limitação, a que, aliás, não podiam fugir sob pena de quebrarem um dos cânones do Movimento: não usaram a imaginação.

Sob outro aspecto, também se limitaram, pois, levados sempre apenas a expressar sensações, distanciaram-se da realidade político-social em que estavam inseridos.

Nomes principais: Monet, Renoir, Sisley, Pissaro, Berthe Morisot, Signac e Seurat, estes dois últimos, fundadores do Pontilhismo, Divisionismo ou Neo-impressionismo. De todos, os mais fiéis aos princípios impressionistas foram Monet e Sisley. Renoir voltaria ao desenho, aos volumes (exemplo: as banhistas).

Pode-se também alinhar junto a estes nomes os de Manet, realista, pioneiro das pesquisas luminosas, Degas e Toulouse-Lautrec, ambos pintores “da luz artificial, das cenas de cafés e de palcos”, unidos por “uma sensibilidade muito semelhante, de parentes espirituais” (Sérgio Milliet, obra citada).

Por último, três gênios: Van Gogh, Gauguin e Cézanne.

Fecundados pelo Impressionismo, seguiram além, em busca de novos campos de criatividade, nessa “alegria de criar o caminho com a planta do pé” (1). Alegria, aliás, vale dizer volúpia da criação artística, pois, na verdade, suas vidas foram marcadas pelo drama e pela tragédia.

Van Gogh, deformando as imagens visuais, através de sua angústia, geraria o Expressionismo; Gauguin, na força do instinto, o Fovismo; e Cézanne, intelectual, geômetra incubado, sempre disposto a “tratar a natureza pelo cilindro, a esfera e o cone” (2), seria precursor do cubismo.

Aí estão as diretivas iniciais da Pintura contemporânea.

#### NOTAS:

1 – Verso de Ronald de Carvalho, em *Toda a América*.

2 – Palavras do próprio Cézanne.

#### REFERÊNCIAS:

CAVALCANTI, Carlos. Como Entender a Pintura Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

\_\_\_\_\_. História das Artes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MILLIET, Sérgio. Fora de Forma. São Paulo: Editora Anchieta Ltda. 1942.

WILDENSTEINS, Daniel / COGNIAT, Raymond et alii. Os Impressionistas (11vls.). São Paulo: Editora Três, 1973.

\***Manoel Onofre Jr.** é escritor, autor de Chão dos Simples, Ficcionalistas Potiguaras e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## Confissão pelo poema: quando a poesia diz sim a Marize Castro

*Nelson Patriota*

Desde *marrons crepons marfins* a poesia de Marize Castro vive o paradoxo de ser uma poesia confessional que parece retomar o ponto de partida a cada livro. Esse recommençar que não cessa é sua permanente novidade. Dito de outra forma, quem depara com a poesia de Marize Castro pela primeira vez dá-se conta de imediato da estranheza – outro nome da singularidade – que perpassa toda a sua poesia. Tal impressão se revela duradoura na medida em que a cada novo livro que a poeta lança parece revelar um novo cenário que se constrói a partir de um cenário interior só parcialmente revelado, como o leitor vai percebendo. Nesse ponto, é uma poesia descontínua, diferentemente, por exemplo, da de Diva Cunha, com a qual guarda certa semelhança na regularidade com que periodicamente se renova.

Nenhum outro poeta norte-rio-grandense cultivou tão intensamente a poética do eu, o pendor confessional, como motivo poético, como o faz Marize Castro, traço que, pelo seu caráter repetitivo, se contrapõe às escolas poéticas contemporâneas desde os modernistas de 22, avessos à poesia do si, princípio que prevalece até os dias de hoje. Vejamos alguns exemplos desse método poético marize-castrino: “A fúria que há em mim / não sacraliza nem ousa. / Serpenteia pelos séculos / rompendo finas louças” (Serpenteando), em *marrons crepons marfins*; “Sou eterna / enquanto posso / sou megera em off / não é por maldade / que me desfaço / nas tuas vértebras / e adolesço / nas tuas pernas” (Megera em off), in *marrons...*; ou “Como chegar a ti / se infernos alheios procuro / quando os meus estão prestes / a virar paraísos?” (“Vigília” in *Rito*); ou “[...] eu quase sou o que sempre fui: / uma moça inventada pelas estrelas, / dormindo com as nuvens, / com

o melhor de sua bondade [...]” (in *Esperado Ouro*); ou “Disfarço-me / de calmaria / e poucos sabem / quem sou [...]” (sem título, in *Habitar teu nome*).

Quem é, porém, esse eu que insistentemente se confessa, mas que só consegue fazê-lo à luz do poema? Deixemos que a própria poeta responda. Mas, antes, uma advertência: não é possível encontrar para tal pergunta uma resposta definitiva, coerente, na obra de Marize Castro e para isso é que ela *também* escreve. Obra em progresso, tentativas de respostas abundam em sua superfície desde *marrons crepons marfins*: “Sou um romance / com todas as nuances / a que tenho direito. / Minha fusão em humor / é pura ironia. / Vacilo da retórica / em pleno cosmo. Ou oceano?” (“Vacilo da retórica”); “Soy mio fantasma / e a mim mesma / assusto / Tenho paixões pelas navalhas / ladies úmidas / nos meus pulsos [...]” (“sem título”); “Sou um escândalo. / A poesia que aguente / a mim / e a meus versos / vândalos / de seda / e espanto. / Ser / tão fera / não me inquieta. / Eis-me em todos oceanos / doando o que me é vão / domando meu ópio: / a solidão” (“sem título”).

Em *poço. festim. mosaico*. novas tentativas de autodefinição se somam às anteriores, porém com tinturas mais fortes, ambíguas e até mesmo andróginas. Enriquece-o e distingue-o ainda o diálogo com autores e personagens, confundindo suas vozes com a da autora: “Não escrevo como mulher porque não sou mulher. / Sou um destroço que boia. / Alguém que tem a dor nas mãos e negrumes secretos no sexo [...] o cansaço era tanto que esqueci que também sou homem”. Repetindo Manuel Bandeira, Marize Castro também assume que “escrevo como quem morre: em hábil verticalidade”.

Em *Rito*, essas metamorfoses se amalgamam a outras e se relativizam por razões que ultrapassam o escopo de desejos e valores da autora: “Quiseram-me ostra. / E eis-me ostra. / Quiseram-me noite. E eis-me noite. / Quiseram-me ruína. / E eis-me ruína. / / Haverão de querer-me ainda?”

Significativamente, em *Habitar teu nome* as autodefinições ganham formas mais sutis, evitando o explícito dizer-se. No essencial, porém, permanece fiel ao projeto poético original, iniciado com *marrons, crepons, marfins*. Em suma, não é por ter adotado uma nova forma de autoexpressão que a poesia de Marize Castro se alterou. As mudanças devem ser buscadas em outras áreas, notadamente na eleição de novos temas que, somados aos antigos, contribuem para diversificar a paleta de cores de sua poesia. Leituras e viagens são dois importantes parâmetros dessa renovação, como se pode constatar especialmente nos livros *poço.festim. mosaico.* e em *Habitar teu nome*. No primeiro, a lírica clássica sugerida pelas leituras de Homero; no segundo, com Virginia Woolf, Gertrude Stein, Oscar Wilde, Proust, Eluard, a mística Teresa de Lisieux, Borges e uma sublimar presença de Zila Mamede. Mas não se pode descuidar do próprio amadurecimento sentimental, emocional, existencial da poeta, com as inevitáveis reavaliações dos sentimentos e da sua visão de mundo. Tudo considerado, é possível vaticinar que a poesia de Marize Castro tende mais a somar motivos do que a descartá-los ou a reconsiderá-los sob a luz de novas vivências.

É certo, porém, que tantas formas de Marize Castro se dizer sugerem que sua poesia também é uma busca por reivindicar um lugar para sua singularidade, alardeando-a e estabelecendo seus parâmetros, suas balizas existenciais, suas bases poéticas.

Mas que ninguém se iluda, o confessionalismo que aflora à primeira leitura de Marize Castro e se confirma ao longo de reiteradas leituras de sua poesia está longe de ser o único motivo de sua escrita. As aproximações da poesia de Zila Mamede vêm se tornando como registro dominante em alguns poemas, notadamente em *Habitar Teu Nome*. A abundância de imagens marinhas não é mera casualidade nesse livro. Não se pode ignorar certas experiências de humor negro que remontam a *marrons, crepons, marfins*, como no poema “a margem”, dedicado à poeta-suícida Ana Cristina César, ou o erotismo atrevido de “sacralização” (mesmo livro), ou “de qual incêndio o amor renasce?” (“Esperado ouro”).

Mas é no diálogo com a palavra, ou, em linguagem drummondiana, na luta com as palavras, que a poesia de Marize Castro se espalha sobre a enseada da poesia norte-rio-grandense para lhe acrescentar um novo alento, um chamado em surdina para uma escuta *en petit comité*. Que secreta relação a poeta estabelece com esse veículo que é a própria essência de qualquer cogitar humano? Às vezes (sabemos), essa relação segue um curso óbvio, previsível, mas que logo se esgota; outras vezes, o curso se mostra caudaloso, alternando correntes tranquilas e escolhos diversos. E aí pode se mostrar fecundo ao poema. Seu húmus se prova mais fértil e o poema, mais desconcertante, sabe a mais novo.

A poesia de Marize Castro tateia entre as palavras. E que poeta não o faz? Mas ela tem seu próprio norte – seus *insights* o provam. Veja-se, por exemplo, em “Simetria” (in *marrons, crepons, marfins*): “A página / jaz / branca / vertical / / a palavra / cai / pronta / fatal”. Nesse mesmo livro, certo trecho de “Escrever” anuncia: [...] O ácido no fundo da taça/ me revela e diz: / - escrever é tua religião [...]”.

Há ocasiões, porém, em que não é fácil cumprir esse desígnio de escrever. Nesse caso, só resta evocar o poema que jaz oculto a fim de escapar a esse estado *apoético*: “A teus pés / Palavra / nada tudo sou / / Acovardo-me / Largo o remo / / Sou tua escrava / Sirvo-me do bom e do melhor / / Lustro o cálice em que bebes / Resplandeço quando me feres” (“sem título”, in *Rito*).

De algum modo, Marize Castro tem consciência do estado de precariedade de todo poeta, de quem quer que se aventura pelo mundo da escrita. Para que aconteça o poema há de haver uma predisposição, uma colocação em estado de poesia a fim de que as palavras certas não se deixem contaminar por outras supérfluas, tautológicas, dispensáveis. Assim, ela pode falar com propriedade de um estado de sintonia com as palavras que suscitam o poema; enfim, quando a poesia diz sim. Diz Marize: “A mulher que me toca diz: / *Os poetas ateiam chamas.* / O homem que me toca diz: / *Acho cartas de Deus caídas pelas ruas.* / Quando a poesia



diz sim, reinvento-me. / Torno-me jovem, temporã, desperta. / Beijo animais. / Abraço cadáveres. / Espanto a morte. / Brinco de ascender e cair, ser puta e asceta / ser pedra e flutuar, ser cega e ver demais. // Quando a poesia diz sim” (in *Lábios-espelhos*).

Não é demais supor que Marize Castro vive uma relação bem-sucedida com a poesia, após o lançamento de seis títulos nessa área. Outros virão, certamente, se a poeta prosseguir em sua escuta à palavra de vida que fertiliza em poema. Para tocar essa obra, ela lançou mão de todos os meios ao seu alcance. Criar sua própria editora a fim de garantir sua publicação foi seguramente mais um gesto certo de sua parte, cuja maior virtude consiste em realimentar o próprio exercício de sua poesia.

\***Nelson Patriota** é escritor e poeta, autor de *Uns Potiguares* e vários outros livros. Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

D I V A C U N H A



CANTO  
de  
PÁGINA

# Erótico pioneiro na poesia de Diva Cunha

*Thiago Gonzaga*

*Quanto mais poético, mais verdadeiro*

*Novallis*

A relação entre poesia e erotismo, uma constante dialética na literatura, nem sempre foi assim, pelo menos na literatura potiguar. Muito se tem escrito e debatido sobre tal temática, mas, no Rio Grande do Norte, a mesma somente aflorou nos anos 80, com as escritoras Diva Cunha e Marize Castro, cuja produção poética valeu como um grito de liberdade dentro das propostas do movimento feminista, ao qual logo aderiram, em vista da injusta situação da mulher na sociedade.

O erotismo na poesia, até então, ocorria quase sempre a partir do uso que alguns textos masculinos faziam do corpo e da sexualidade da mulher, sendo a imagem feminina expressada muito mais como objeto e causa de prazer. Tendo sua sexualidade retraída por anos e anos de opressão e silêncio, as escritoras tinham pouco espaço para falar de seus corpos, de seus desejos, de seus prazeres.

Este ensaio procura analisar o erotismo apresentado na poética de Diva Cunha, mostrando alguns trechos de poemas do seu primeiro livro “Canto de Página”, lançado em 1986 pela Editora Clima, os quais sugerem situações eróticas em forma artística.

A poetisa, além de quebrar um paradigma, a nível local, expressa o rompimento com a tradição poética provinciana, numa perspectiva de emancipação literária da mulher potiguar. E, abordando o tema com rara expressividade, alarga as fronteiras do

erotismo feminino. O eu lírico utiliza-se de poderosas sugestões verbais, e revela anseios e desejos, numa notória evolução poético-erótica.

Vejamos um trecho de poema:

*“assim  
com sabor de dentista  
e pimentas vermelhas  
caio no teu prato  
puta e freira  
à la carte, leitor!*

Neste sentido, a poesia contida em “Canto de Página”, vem revelar, através de palavras provocantes, ao mesmo tempo líricas, um sentimento erótico idealizado, sonhado por muitas mulheres que almejam a realização de seus desejos e fantasias sexuais. Algumas vezes, as imagens eróticas espelham uma espécie de intensidade do desejo do parceiro ou manifestam a felicidade de a mulher ser querida, ansiada, como no trecho a seguir:

*quero-te assim  
arco cravado  
na palavra  
mim*

Sob outro aspecto, o erotismo faz-se presente quando o eu lírico parece querer libertar-se de uma grande opressão.

*Tenho que me revelar  
antes que fique doida  
antes que fique santa  
assim mortal  
serei igual  
a tantas*

Neste poema, a autora utiliza-se de um jogo de palavras, com o intuito de demarcar a presença da sedução feminina, direcionada ao anseio de se entregar e de não reprimir seus desejos.

Diva Cunha descreve circunstâncias várias em versos que mostram parte do corpo supostamente postas em contato intenso, e assim denota o quanto o erotismo feminino evoluiu e destacou-se na poesia norte-rio-grandense

Vejamos estes versos:

*Apanho na minha mão  
a tua mão  
ligeiro fruto  
sumarento:  
chupo.*

Daí podemos concluir que a poetisa quebra, efetivamente, os paradigmas locais no que concerne ao uso erótico do corpo feminino. Sem submissão, sem renúncias de sua identidade, o eu lírico independente, consciente de seus desejos, dono de si mesmo.

Vale lembrar que o amor lúbrico, desde a antiguidade clássica, tem sido motivo de reflexões. O elemento do erotismo, que popularmente ficou relacionado ao culto de Eros, deus do Amor, comparece nas artes até mesmo antes do seu surgimento na mitologia grega.

Segundo Ernesto Melo e Castro o conceito de erótico, do modo como o concebemos, é relativamente recente; tal conceito põe em jogo valores estéticos, sociais e morais, e é no nível da linguagem que acaba por se definir. O referido autor distingue duas formas de exercício da palavra erótica: o uso erotizado de um vocabulário não especificamente erótico e o uso rigoroso e adequado à comunicação oral e escrita do ato amoroso e da sua fenomenologia. Interessa-nos, mais de perto, a primeira definição: a que remete à utilização de uma palavra que não é especificamente erótica para insinuar emoções eróticas. Assim, por exemplo:

*No meu lado noturno  
há uma lua em chamas*

Observamos que a poetisa, no seu livro de estreia, lançou mão da combinação de elementos que transcendem a simples

materialidade linguística e remetem a significações outras, ao mesmo tempo em que cria uma poesia que aponta para uma linguagem erotizada, como vemos no poema:

*Onde pousar a borboleta louca  
desta boca?*

Por meio de metáforas, os elementos constitutivos do poema passam por um processo simbólico de significação que une corpo e linguagem, explorando e sugerindo, assim, o erótico na palavra. Escritas, como estas, são capazes de criar novas perspectivas, numa poesia de caráter, também, de engajamento. Não há como descartar sua importância na construção do discurso literário feminino e potiguar.

#### REFERÊNCIAS:

**ALBERONI**, Francesco. **O Erotismo - Fantasias e Realidades do Amor e da Sedução**: São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1986.

**ALEXANDRIAN**, Sarani. **História da Literatura Erótica**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

**CANDIDO**, Antônio. **O Estudo Analítico do Poema**. São Paulo: Editora Humanitas, 2006.

**CUNHA**, Diva. **Canto de Página**. Natal: Editora Clima, 1986

**PAZ**, Octavio. **A Dupla Chama: Amor e Erotismo**. Porto: Editora Assírio & Alvim, 1995.

\***Thiago Gonzaga** é escritor e pesquisador de literatura potiguar, autor dos livros Impressões Digitais- Escritores Potiguares Contemporâneos Vol 1 & 2.

## As vozes na construção dos morangos do abismo

*Edna Maria Rangel de Sá  
Maria Aparecida de Almeida Rego*

O texto literário pode carregar em si inúmeras funções. Ora serve de deleite, ora de instrução, ora liberta o homem das sujeições da vida, ora, simplesmente, corrige os defeitos da língua. Essas funções são apresentadas conforme a sensibilidade do escritor, seja ele poeta, romancista ou cronista. Compagnon (2009) utiliza a denominação “poder da literatura”. Para o teórico, “a literatura surgida no século das luzes e aprofundada pelo romantismo [...] liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades”. Nesse sentido, a crônica também pode se alinhar a essa definição, por ser um gênero discursivo entre o jornalismo e a literatura, no qual, a partir da observação e do relato de fatos cotidianos, o autor pode manifestar sua perspectiva subjetiva, oferecendo uma interpretação que revela ao leitor algo que está por trás das aparências. É finalidade da crônica revelar as fendas do real, aquilo que parece invisível para a maioria das pessoas, ajudando-as a interpretar situações do cotidiano.

No livro *Morangos do Abismo* (2006) Edilson Pinto, médico e cronista norte-riograndense, reúne 12 crônicas que apresentam uma escolha temática voltada para reflexões amparadas em fatos do cotidiano local e nacional. A crônica, por ser um gênero multiforme, desempenha um papel na construção da memória de uma determinada sociedade e serve de instrumento histórico que, “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p. 423). Conforme Dantas (2003, p. 90), “[...] como a fotografia,

ela [a crônica] também é capaz de guardar ‘momentos’, que ficam preservados da ação do tempo bastando lê-la para rememorar o fato ocorrido em algum lugar do passado”. É isso que ocorre ao lermos as crônicas de Edilson Pinto. Alguns fatos são facilmente lembrados, configurando-se quadros de acontecimentos. Porém, para perceber com mais facilidade as intertextualidades, as ironias e as reflexões presentes nas crônicas, o leitor precisa ter conhecimentos dos fatos históricos ali mencionados.

Este estudo fará um recorte de quatro crônicas do livro *Morangos do Abismo* que apresentam um olhar subjetivo do cronista a respeito de alguns aspectos sociais do Brasil contemporâneo. Sendo assim, o *corpus* deste trabalho são as crônicas “Sobre a ingratidão”, “A medicina e a leitura”, “A síndrome da cadeira”, e “O olho de Shiva”, com foco na aproximação temática entre os textos, bem como na subjetividade como marca da presença do sujeito cronista.

Derivado do Latim *chronica*, o vocábulo crônica significava o relato de acontecimentos cotidianos em uma ordem pré-determinada. Massaud Moisés (2004), ao definir o termo, ressalta a mudança de conotação que a designação assume no decorrer dos séculos. Assim, na era cristã, remetia a uma lista ou a uma relação de acontecimentos, organizados conforme continuidade linear no tempo; na era moderna, a expressão não apresenta limites muito precisos, sua natureza híbrida é manifestada de diversas formas.

No princípio, era um texto escrito para ser publicado em jornal ou revista e, conseqüentemente, detinha vida curta. Por isso, na maioria dos casos, esse gênero é formado por textos curtos e narrados em primeira pessoa. Esses aspectos fazem com que a crônica mantenha uma visão pessoal de um referente assunto absorvido pelo olhar do cronista.

Antonio Candido (1992) remete também à etimologia da palavra – *chronus*, crônica – para realçar que, mesmo com as mudanças incorporadas ao longo do tempo, crescendo-se aí um lugar à subjetividade do autor, que representa o cotidiano visto sob seu ponto de vista, a crônica guarda de sua origem etimológica



uma constante relação com o tempo vivido. Ainda segundo o crítico, destaca-se a condição de comentário leve, apresentando-a como “composição aparentemente solta do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de cada dia” (CANDIDO, 1992, p. 13).

Jorge de Sá (2002) explica que a crônica equivale a um “registro circunstancial feito por um *narrador-repórter* que relata um fato [...] a muitos leitores que formam um público determinado” (2002, p. 7). Apontando o cotidiano como assunto único do gênero, a crônica sobrevive entre o jornalismo e a literatura, o que permite um expressivo desenvolvimento textual.

Alguns aspectos da crônica são considerados, por vários autores, para enquadrá-la enquanto texto literário, tais como: ligação com a vida cotidiana, narrativa informal, familiar e intimista, uso de aspectos da oralidade na escrita, sensibilidade no contato com a realidade, uso de fatos como meio ou pretexto para o autor exercer seu estilo e criatividade, natureza ensaística, leveza, uso do humor, brevidade, além de ser um fato moderno e estar sujeita à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna.

A crônica, além do consumo imediato (no contexto do jornal) e apesar de toda sua simplicidade, quando é lida criticamente o leitor descobre sua significação, seu valor enquanto objeto estético, além de perceber os constantes diálogos com outras áreas do conhecimento. Cada texto constitui uma proposta de significação construída a partir do jogo de olhares entre o texto e seu leitor. Este jogo intertextual, na maioria das vezes, é construído de maneira consciente pelo autor e o leitor o percebe quando ativa seus conhecimentos internos.

No contexto do livro, a crônica assume um caráter mais durável, perde a excessiva circunstancialidade da crônica jornalística. A mudança de suporte possibilita também mudança de público leitor. Conforme Jorge de Sá “o público do jornal é mais apressado e mais envolvido com as várias matérias focalizadas pelo periódico; o público do livro é mais seletivo, mais

reflexivo até pela possibilidade de escolher um momento mais solitário para ler o autor de sua preferência.” (Sá, 2002, p. 85). Essa mudança de atitude do leitor autoriza uma leitura crítica e, no contexto do livro, é possível realizar um estudo da obra, além de permitir conhecimento das características do próprio escritor. Neste sentido, a seleta de crônicas do livro *Morangos do Abismo*, de Edilson Pinto, apresenta prováveis significações novas que ultrapassam o contexto temporal do jornal e permitem um estudo direcionado da temática, do gênero, das intertextualidades apresentadas, ou até mesmo, do autor.

A imprensa se instalou no Rio Grande do Norte em meados do século XIX e, a partir de então, inicia-se a publicação de textos literários nos jornais. Desde então a crônica é um gênero de espaço privilegiado entre as páginas amareladas dos periódicos potiguares. Muitos escritores escolheram esse gênero para discorrer em sua pena. A partir da leitura de algumas crônicas visualizamos a história do Estado, de Natal, dos hábitos e da rotina dos norte-riograndenses ao longo de seus mais de 400 anos de existência.

Alguns jornais do século XX contaram com a participação ativa de diversos cronistas. Destaca-se o jornal *A República* (fundado por Pedro Velho em 1º de julho de 1889), que “Nasceu com uma intencionalidade política; embora, posteriormente tenha servido bastante à divulgação de nossa literatura” (FERNANDES, 2006 p. 149). Espaço acolhedor de variadas tendências literárias e culturais, das mais tradicionais e conservadoras até a divulgação de movimentos de vanguarda, as páginas de *A República* guardam nomes dos principais autores da política e literatura do Rio Grande do Norte entre o final do século XIX até os anos 80 do século XX.

Neste jornal Câmara Cascudo publicou entre os anos 1938 a 1946, na seção *Acta Diurna*, inúmeras crônicas fornecendo aos leitores informações sobre história, antropologia, política, personalidades, monumentos, dentre outros temas. Muito dessas crônicas cascudianas foram, posteriormente, organizadas

nos vários volumes dos *Livros das Velhas Figuras*. No mesmo jornal, Danilo (pseudônimo de Aderbal de França), publicou nas décadas de 1920 e 1930 crônicas na seção *Vida Social*, abordando assuntos bem variados: rotinas escolares, ensino, religiosidade, festas tradicionais da cidade, atividades culturais e artísticas do teatro Carlos Gomes, rotina da cidade, presença de elementos da modernidade (bonde, automóveis, lojas, vitrines, música, cinema etc). Edgar Barbosa, através do pseudônimo Cyrano, assinou a coluna *A nota* durante alguns anos da década de 1930, espaço em que a crônica apresentava os acontecimentos vigentes da época, de texto leve e literário, com perspectivas para falar sobre arte, literatura, política, mundanismo, dentre outros. Outra seção do mesmo jornal e década é *Crônicas do dia*, assinadas pelo pseudônimo A. (autor não identificado) que discorria de modo crítico sobre alguns elementos da modernidade (telégrafo, rádio, bonde, energia, motocicletas), política, agricultura, festas tradicionais, hábitos e aspectos da vida cultural da cidade de Natal (literatura, cinema, teatro, música). Nesses exemplos percebe-se a importância da crônica como responsável para situar tempo e espaço na história de uma determinada sociedade. Essas visões são reafirmadas pelo pensamento de Neves (1992, p. 77) ao dizer que “sem dúvida a riqueza do comentário imediato sobre a vida da cidade, aliado à qualidade literária inquestionável de alguns cronistas, dilui as fronteiras entre prazer e ofício para o historiador que se aventura a explorar essa particular documentação.”.

Na continuidade dos anos, o Rio Grande do Norte contou com outros importantes cronistas que produziram, e produzem até hoje, em diversos espaços, seja na imprensa escrita ou virtual ou até mesmo na coletânea de crônicas com a publicação de livros. Entre tantos cronistas que o Rio Grande do Norte honra, além dos já citados acima, merecem destaque Sanderson Negreiros, Veríssimo de Melo, Newton Navarro, Nei Leandro de Castro, Manoel Onofre Jr., Vicente Serejo, Edilson Pinto e muitos outros.

Em 1999 a editora da UFRN em parceria com o Diário de Natal e a FECOM publicou o livro *Crônicas Natalenses*, organizado por Carlos de Souza, Carlos Magno de Araújo e

Osair Vasconcelos. A publicação foi comemorativa aos 400 anos de Natal e apresenta respeitáveis nomes da crônica potiguar. Isso se deve ao legado constituído pelo gênero crônica nas mãos dos escritores norte-riograndenses.

Em 2005 o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandense (NCCEN) organizou o volume intitulado *Crônicas de Origem* reunindo 16 crônicas de Luís da Câmara Cascudo publicadas na década de 1920 nos jornais *A Imprensa* e *A República*. A publicação objetivava apresentar “o papel que o intelectual [Cascudo] deveria desempenhar diante das grandes questões que afetava a cidade nos anos 20” (ARRAIS, 2005, p. 09). Por meio da leitura dessas crônicas, o leitor tem contato com o retrato de um Natal dos anos 20.

Edilson Pinto (1966) nasceu em Mossoró, terra de homens corajosos, homens que fizeram Lampião correr, terra que formou grandes escritores da cultura e literatura potiguar. De formação acadêmica na área da medicina, Edilson é cirurgião oncológico, mestre e doutor pela UFPE, professor dos cursos de Medicina da UFRN e UnP, além de membro da Academia Norte-riograndense de Medicina. Homem de sensibilidade aguçada, tem sua estréia no campo das letras em 2006 com a publicação do livro de crônicas *Morangos do Abismo*. Atualmente divide seu tempo com a medicina e a literatura. Sempre que pode agrega as duas atividades, ação que faz com maestria. Muitas vezes, as experiências do médico servem de inspiração para a construção de sua ficção. “É na vivência das mazelas do dia-a-dia como cirurgião oncológico” que ele encontra o tempero para produzir seus textos. Seu livro mais recente é de contos, *Perdoa-me por me prenderes!*. Atualmente, é colaborador de sites, jornais e revistas potiguares. De personalidade holístico-social, muito da ficção de Edilson Pinto tem relação com sua vida pessoal e profissional, os dramas das narrativas são, quem sabe, também parte de seus dramas reais, seus questionamentos e indagações.

Cronistas são narradores também de memórias vividas por eles e/ou por seus leitores. As crônicas em estudo são textos

marcados pela reflexão acerca de temas atuais ou seculares que dialogam com fatos recentes da história do estado ou do país. Narradas em 1ª pessoa, apresentam uma relação autobiográfica e reflexiva sobre os conflitos sociais e os conflitos psicológicos do ser humano. Nos interessa, aqui, analisar a presença de vozes na construção do texto nessas crônicas, como elas se dão e com que frequência aparecem. Nesse sentido, analisar-se-á as crônicas “Sobre a ingratidão”, “A medicina e a leitura”, “A síndrome da cadeira”, e “O olho de Shiva” do livro *Morangos do Abismo*, de Edilson Pinto.

A primeira crônica, “Sobre a ingratidão”, apresenta uma epígrafe bíblica ligada ao tema e inicia com uma citação de Shakespeare, para tratar o tema da “ingratidão”, questiona: “o que leva um homem a esquecer o outro que tanto o beneficiou?”. Aproveitando-se dessa interrogação, o cronista introduz o fato que serviu como pretexto a escrita desta crônica: a ingratidão sofrida por alguns integrantes do PT, mais especificamente, a então senadora Heloísa Helena, ainda na ocasião do primeiro mandato do presidente Lula. A partir dessa informação é possível recuperar o tempo histórico da escrita do texto.

O narrador afirma que as pessoas são ingratas por natureza e apresenta, ainda, explicações bíblicas como argumento. Ele cita, como exemplo, a “Cura dos Leprosos”, onde, de dez doentes curados de lepra, apenas um voltou para agradecer a Cristo, confirmando, assim, a existência da ingratidão do homem para com o homem e para com o próprio Deus. Em continuidade, o cronista usa a voz de Cícero, orador romano, para corroborar a tese de que a ingratidão faz parte da humanidade e, ainda, de que as pessoas devem saber reagir, com serenidade, aos atos de ingratidão.

Na construção do texto aparece, também, a voz de Beto Guedes, compositor e intérprete brasileiro, utilizada para introduzir as discussões a respeito do papel do professor e da aposentadoria. Nesse ponto, o autor lança mão, mais uma vez, das vozes de Shakespeare e Cícero e fecha a discussão com a voz

de Epiteto, “Não podemos escolher as circunstâncias externas de nossa vida, mas sempre poderemos escolher a maneira de reagirmos a elas”, para aconselhar aos “ex-eleitores” do PT, sofredores da ingratidão, mote dessa crônica, a enfrentarem “a ingratidão com oração, poderosa arma contra esse terrível sentimento”.

A segunda crônica “A síndrome da cadeira”, diferente da anterior, não apresenta epígrafe, mas começa com uma citação indireta de Rubem Alves, escritor e também médico, que compara o nosso interior a um castelo de cem quartos. Noventa e nove são os que conhecemos e damos a conhecer e um, o mais terrível para nós, um que só pode ser visitado por pessoa muito chegada, que conhece nossos monstros. Esse último quarto seria a nossa verdadeira face. O autor utiliza-se dessa voz para discutir as transformações por que passa o indivíduo ao assumir qualquer espécie de poder e, mais particularmente, o poder político, que aparece aí como meio mais forte ainda de revelar a verdadeira face do homem.

A voz de Sófocles, em “Antígona”, vem caracterizar a habilidade humana em fazer tanto o mal quanto o bem, evidenciando que “Quando no governo, frequentemente, se torna indigno, abjura as leis da natureza e as leis divinas a que jurou obedecer, e pratica o mal, audaciosamente!”. É o que ele chama de “síndrome da cadeira”.

Utilizando-se, ainda, da voz de Sófocles, através de uma ilha textual, faz uma breve historiografia da cadeira e chega à voz de Jânio Quadros, ex presidente do Brasil, para discorrer sobre os perigos do poder, pensado como eterno, mas sempre efêmero.

O texto se encerra sob os auspícios da voz de Jânio Quadros chamando a atenção para os perigos do poder e as vantagens de não sentar na cadeira do poder: além de não correr o risco sempre eminente da perda do poder, o seu quarto do horror não será visitado, ou seja, seu interior será resguardado da exposição.

Na terceira crônica “A medicina e a leitura”, desde o título, o cronista apresenta elementos da vida pessoal e profissional, deixa explícitas suas duas paixões: a medicina e a leitura. A

epígrafe utilizada fala da importância dos livros para a formação do homem e da sociedade.

As vozes do crítico literário americano, Harold Bloom, e do escritor brasileiro, Mário Quintana, vêm confirmar a importância da leitura como meio de “humanizar a humanidade” e, com a voz de Sêneca, vem discorrer sobre os poderes da leitura como construtora por excelência do ser humano.

O texto é dirigido, principalmente, aos estudantes de medicina e ele vai historiografar, muito brevemente, a formação das Escolas de Medicina buscando apoio, para tanto, na voz de Bloom. E, não desprezando os conhecimentos técnicos, vai evidenciar as vantagens dos conhecimentos humanísticos sugerindo vozes como as de Saint-Exupéry, Shakespeare, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Khalil Gibran, Rubem Alves, Egiteto e Sêneca.

O último parágrafo, que encerra a crônica e é dirigido especialmente aos estudantes de medicina, é construído com uma ilha textual, uma voz não determinada, mas sabidamente de outro, através de uma injunção: “Caros alunos de medicina corram em direção às livrarias. Aproveitem bem, pois ‘o caminho que leva ao auge das honras está cheio de emboscadas’, que serão mais facilmente suplantadas com a sabedoria adquirida nos livros!”

Por último, a quarta crônica analisada, “O olho de Shiva”, não tem epígrafe e parte de um ditado popular para justificar o tema desejado: a ambição humana.

Aqui, é utilizada a voz do grande cirurgião americano Efraim McDowell, que atua no início do século XIX como exemplo de ousadia e coragem nos avanços dos limites da cirurgia de variados tipos, evidenciando que foi justamente a sua “rebeldia” que possibilitou os avanços cirúrgicos que temos hoje.

O autor constrói seu texto com várias ilhas textuais para demonstrar como seria, e por quem seria realizada, uma cirurgia que diminuísse, sem extinguir, claro, a ambição humana.

A cirurgia seria para abrir o olho de Shiva, que abre o olho espiritual e mostra a verdade que a fuligem do ego bloqueou: o divino manancial de amor e luz permeando a todas as realidades e seres. Segundo a lenda aqui citada, o nosso olho espiritual, o olho de Shiva, teria sido atrofiado pela ambição exagerada, pela exacerbação do ego humano.

A voz de Carlos Lacerda, jornalista e político brasileiro, dá o mote para finalização da crônica com um desafio aos oftalmologistas: o aperfeiçoamento de uma cirurgia para abrir o nosso terceiro olho e, ironicamente, recomenda que os políticos sejam voluntários para as primeiras cirurgias.

Portanto, as quatro crônicas aqui apresentadas, de linguagem acessível, abordam acontecimentos históricos, políticos e pessoais, ancoradas em reflexões bíblicas, literárias e filosóficas e permeadas por vozes, sejam estas construídas por intertextualidades explícitas ou implícitas, ilhas textuais, citações diretas ou indiretas e que caracterizam um traço marcante na escrita do escritor justificado pelo próprio Edilson Pinto: “quando comecei a escrever (crônicas), os textos sempre fluíam a partir de uma citação” (disponível em: [www.correiodatarde.com.br](http://www.correiodatarde.com.br)), o que lhe rendeu o apelido de “ladrão das citações” ([www.correiodatarde.com.br](http://www.correiodatarde.com.br)).

O tema da ingratidão, da criação de novas escolas de medicina no Rio Grande do Norte, da importância da leitura como indispensável para formação humanística e profissional dos futuros médicos, os perigos que rondam a cadeira do poder ou mesmo as contrariedades de avanços tecnológicos que muitas vezes tornam o ser humano bárbaro, capaz de comportamento destruidor e da perda de valores morais e culturais, por não terem a espiritualidade proporcionada pelo “O olho de Shiva”, mostram que “não se trata de limitar [a escrita] servilmente à realidade, mas de fabricar novas realidades.” (ATAIDE, 1974, p. 10), expondo assim a visão crítica do cronista sobre os acontecimentos do cotidiano.

As crônicas publicadas em jornais, ou organizadas em livros, muitas vezes carregam em si fortes elementos da história



que constituem a memória coletiva de um determinado tempo. Isso permite a inclusão da perspectiva do autor sobre o espaço e tempo que apresentam, mostrando aos seus leitores uma relação de história e de ficção.

A partir da análise das crônicas de Edilson Pinto foi possível observar que, “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (CANDIDO, 1992, p. 14). Não podemos deixar de destacar que a temática central das crônicas em análise (reflexão sobre atitudes humanas) é apenas um grupo entre os variados temas discutidos dentro da obra. Vale destacar, também, que as quatro crônicas que compõem o *corpus* analisado neste estudo trazem o tom reflexivo do autor presente nas demais crônicas do livro *Morangos do abismo*. Sem dúvida a experiência médica do autor serve como ponto de partida para as histórias, desnudando os escândalos diários que se iniciam com o egoísmo daqueles que detêm o poder, tendo a subjetividade um traço marcante em seus textos. Destaca-se também uma característica do autor, a presença de muitas vozes na construção de seus textos, no que diz respeito ao uso de elementos textuais, tais como referências, alusões, epígrafes, citações, dentre outros como formas de intertextualidade e até mesmo diálogo com a tradição bíblica, filosófica ou literária ou popular.

Sendo assim, podemos retomar Bakhtin (2003, p. 290) quando ele afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” e é esse relativo equilíbrio que percebemos na análise das crônicas deste estudo, uma vez que são resguardadas algumas características que nos permitem perceber aproximação entre os textos e categorizá-los enquanto crônicas.

Muitos médicos, também apaixonados pela leitura, se dedicam à atividade de escrita literária como maneira de contribuir para a cura de algumas náuseas ou cegueiras ocasionadas pela escuridão que a falta de leitura proporciona. Como ilustração, podemos mencionar o médico e escritor norte-rio-grandense

Aurélio Pinheiro (1882-1938) que tanto se dedicou a medicina quanto à literatura nos deixando crônicas, contos e romances como remédio para a alma.

Essa junção entre a literatura e a medicina também foi tema de textos de Peregrino Júnior, médico e também escritor norte-rio-grandense, que em 1936 publicou na revista *Careta/RJ* o artigo intitulado “Medicina e Literatura”, no qual afirma que há uma grande representação de médicos nas letras e defende a tese de que o médico escritor vê a humanidade no duplo sentido da palavra. Para Peregrino Júnior, “o médico mergulha fundo nos mistérios do corpo e da alma. E é esta posição privilegiada que nos pode explicar a influência dos médicos na literatura moderna”.

#### REFERÊNCIAS:

**ATAIDE**, Vicente de. **A narrativa de ficção**. 3ª Ed. São Paulo: Editora McGraw, 1974.

**BAKHTIN**, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**BRAIT**, Beth. **Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade**. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA; Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes. 54-66, 2006.

**CÂNDIDO**, Antônio (et al.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

\_\_\_\_\_. **O direito à literatura**. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263

**COMPAGNON**, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte, 2009.

**DANTAS**, Maria da C. S. **Registros da modernização no Rio Grande do Norte na década de 20**. 2003. 151f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2003

**FERNANDES**, Anchieta. **História da Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte**. Natal: Depto. Estadual de Imprensa. 2006.

**LE GOFF**, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [ET AL]. 4ª Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

**MOISÉS**, Massaud. **Dicionários de termos literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

**NEVES**, Margarida de Souza. **Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas**. In: CÂNDIDO, Antônio (et al.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

**PEREGRINO JÚNIOR**. Medicina e Literatura. Revista Careta, 12 de setembro de 1936, p. 36, Rio de Janeiro. In:<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=307149> (acesso em 05 de abril de 2014)

**PINTO**, Edilson. **Morangos do Abismo**. Natal: Ed. Do autor, 2006.

**REGO**, Maria Aparecida de Almeida. **Panorama cultural do Rio Grande do Norte: representações em Periódicos do decênio de 1930**. In: *Imburana*: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, Vol. 3, Nº 5 (2012)

**VERISSIMO**, Erico. **Solo de clarineta**. Porto Alegre: Globo, 1978. v. 1. p. 44-45.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

[http://www.correiodatarde.com.br/semanais/guia\\_do\\_correio-36429](http://www.correiodatarde.com.br/semanais/guia_do_correio-36429) (acesso em 17/01/2013)

<http://testedocronicas.blogspot.com.br/2011/10/conheca-edilson-pinto-novo-colaborador.html> (acesso em 17/01/2013)

[http://101livrosdorn.blogspot.com.br/2012/04/em-instantes-mais-livros-e-autores\\_23.html](http://101livrosdorn.blogspot.com.br/2012/04/em-instantes-mais-livros-e-autores_23.html) (acesso em: 19/01/2013)

## ANEXO I

### Sobre a ingratidão

*“Guarda-te de não te esqueceres” (Dt 8.11-14)*

“Até tu Brutus? - então cai, César!”. Com essa célebre frase o magnífico escritor inglês, William Shakespeare, imortalizou na literatura uma das mais abomináveis qualidades, comum aos homens ímpios, que é a ingratidão.

Imagino o que Júlio César não deve ter sentido ao ver-se apunhalado pelo seu quase filho, Marcos Brutus – dizem que, até aquele momento, César estava reagindo aos seus covardes conspiradores. A partir de então, preferiu entregar-se à morte, pois o que valia viver com esses traidores da sua fiel amizade? Nesse caso, a morte foi até um benefício.

Por que Brutus agiu com tamanha ingratidão com César? O que leva um homem a esquecer o outro que tanto o beneficiou? Por que é tão difícil para as pessoas serem gratas: reconhecendo uma atitude, um gesto, um esforço, uma atenção dispensada? Por que o PT foi tão ingrato com a senadora Heloísa Helena? Sem dúvidas, são perguntas complicadas para serem respondidas.

Procurando, na Bíblia, essas explicações, encontraremos exemplos similares e, até piores, do que a traição sofrida por César, do que a traição sofrida pela senadora; do que a traição sofrida pelo povo, que tanto apostou nesse governo - quanta ingratidão para com os funcionários públicos, sempre tão fiéis ao PT! Vejam a “Cura dos Leprosos”, segundo o evangelho de Lucas: Jesus, ao entrar numa aldeia, quando se dirigia a Jerusalém, encontrou dez leprosos, que pediram: – Mestre, compadece-te de nós! Jesus os curou, entretanto só um voltou para agradecer; Jesus, então perguntou: “não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?”.

A ingratidão existe, portanto, do homem para com o homem, do homem para com Deus: nada é mais doloroso. Nada

é mais feio do que a falta de gratidão. Assim também pensa Beto Guedes quando expressa na letra da sua música: “...tem cego que vê: demais foi sentir/ demais é a dor da ingratidão/ foi pra você/ tudo que fiz...”.

Para o professor, não existe nada pior do que o esquecimento: após anos de dedicação ao ensino, muitas vezes tendo sacrificado toda a sua vida e da sua família, em nome de um ideal – transmitir conhecimento e, principalmente, lições de vida –, quando obtém a aposentadoria, constata que já não é mais útil; já não é mais considerado imprescindível. É esquecido: “Rei morto, rei posto”. Haja ingratidão!

Volto ao genial Shakespeare quando, em seu livro “*Otelo*”, nos adverte de forma reflexiva: “Não é em um ano, nem em dois, que se conhece um homem. Tudo que eles são é estômago, e nós não passamos de comida. Eles nos comem com sofreguidão e quando se sentem empanturrados, eles nos arrotam”. Parece até que andamos com algo escrito na testa: descartável após uso. Quanta tristeza nos causa essa tal de ingratidão.

Quantas não são as pessoas que passam a vida toda se dedicando ao outro e nunca recebem um muito obrigado em troca? Coitados desses ingratos!... não conseguem nem perceber a importância de uma amizade: o ingrato é um ótimo cego! Vejo agora que Cícero, orador romano, tinha razão quando dizia: “o homem ingrato não é digno de ser iluminado pelos raios solares”, já que toda pobreza, miséria, discórdia, são decorrências imediatas, não só do egoísmo, mas também da ingratidão.

Pois bem! Como conviver com esses ingratos? Nada melhor do que Epiteto, o grande filósofo do estoicismo, para nos ensinar no seu testemunho em “*A arte de viver*”: “Não podemos escolher as circunstâncias externas de nossa vida, mas sempre poderemos escolher a maneira de reagirmos a elas”.

Por isso, caros ex-eleitores do PT, enfrentem a ingratidão com oração, poderosa arma contra esse terrível sentimento!

## ANEXO II

### A síndrome da cadeira

Rubem Alves, escritor e psicanalista, defende algumas teorias até certo ponto curiosas. Uma delas diz respeito ao nosso corpo. Para ele o nosso corpo seria como um castelo de cem quartos. Sendo noventa e nove quartos abertos à visitação do público - ali, com os visitantes estranhos, tudo são sorrisos e conversa cordial. Mas o último quarto é o quarto que odiamos; nele, mora nossa parte monstruosa e gostaríamos de nunca visitá-lo. O mais curioso é que não temos a chave para abri-lo: “Quem possui essa chave é sempre uma pessoa amada e mais íntima”.

Concordo em parte com o Rubem Alves, entretanto, acho que tem, também, outra forma de abrir o nosso “quarto do horror”: a cadeira. Mais precisamente, a cadeira do poder. Quem não conhece alguém que, ao ocupar um cargo público importante - a cadeira do poder -, não se transforma, modificando-se a ponto de não mais o reconhecermos? É sempre assim, ou não?

Sófocles, um dos maiores poetas dramáticos da Grécia antiga, em seu livro “Antígona” já nos advertia: “Das incontáveis maravilhas da natureza, de todas a maior é o homem (...) Com inteligência e habilidade ele pode se inclinar, ora para o bem, ora pura o mal. Quando no governo, frequentemente, se toma indigno, abjura as leis da natureza e as leis divinas a que jurou obedecer, e pratica o mal, audaciosamente!”. É o mal ou a síndrome da cadeira...

O fato é que essa peça do mobiliário, surgida desde a terceira dinastia egípcia - cerca de dois mil e quinhentos anos antes de Cristo - quando está vinculada ao poder, exerce um efeito colateral de enorme magnitude em quem se dispõe a sentá-la, causando na maioria dos casos: cegueira, ambição, surdez e, principalmente, amnésia. Há relatos também de “sintomas” de cinismo e desonestidade.

Como explicar tudo isso? É fácil: “A cadeira tem os pés

no chão, no mesmo prumo de modo a proporcionar a quem senta o necessário equilíbrio (...) Em geral tem quatro pés, os da frente representam a experiência e a ciência; os de trás são os da consciência e do bom senso - caso venham com defeito: são geralmente fabricados na família e na comunidade, não têm conserto na imensa maioria dos casos”. A cadeira do poder, portanto, além de vir com defeito de fábrica, seus pés não estão bem fixados no chão – por isso o seu ocupante vive no mundo da lua, achando que será eterno no cargo e que nunca deixará de ocupá-la.

Jânio Quadros, certa vez, tentou nos advertir sobre o efeito maléfico desse assento. O ano era 1985. O Brasil todo comemorando a vitória do PMDB nas eleições para prefeitura das capitais, exceto, em São Paulo, onde o ex-presidente estava desinfetando a cadeira do prefeito, pois dias antes da eleição o seu concorrente maior – FHC – tinha sentado na cadeira já posando como ganhador da disputa. Esse gesto (da desinfecção da cadeira) provocou a indignação em muitos, no entanto, ninguém percebeu a mensagem de Jânio; “Era ali que morava o perigo”. Nesse caso era até um perigo duplo: FHC e a cadeira.

A questão é que o sujeito, sentando na cadeira do poder, deixa de ouvir os amigos; fica com a visão distorcida; esquece o seu passado e os princípios que tanto defendeu durante toda a sua vida - princípios esses, que o levaram a ocupar a cadeira do poder.

Você, portanto, que se encontra muito bem sentado na cadeira do poder, que pensa que nunca mais voltará ao seu lugar de origem: cuidado com a síndrome da cadeira!... E não esqueça: “O poder é efêmero”. Por isso, é melhor passar a ficar em pé ou quem sabe trocar (a cadeira) por um tamborete. Assim, você ficará menos confortável, porém mais sensível para resolver os problemas; ficará menos arrogante; ficará menos vaidoso e, pode acreditar, não correrá o risco de cair sentado!

Ah, já ia esquecendo: sem a cadeira, o seu quarto do horror, também, não será visitado – Que alívio...

## ANEXO III

### A medicina e a leitura

*“Um país é feito de homens e de livros”  
(Monteiro Lobato)*

Para muitos, conciliar leitura com cirurgia, sala de aula, ambulatório, enfermaria e plantão, pode ser uma tarefa bastante difícil. Porém, quando se considera a leitura um prazer, torna-se até fácil. Por que ler? Quem tiver alguma dúvida, basta consultar o livro do crítico literário americano, Harold Bloom, para começar a entender a importância desse exercício de paixão.

Bloom afirma: “Ler é um dos grandes prazeres da solidão”. Mário Quintana, também, achava: “Os livros nos proporcionam a possibilidade de estarmos sozinho ao mesmo tempo muito bem acompanhado”. Deve-se ler “não com o intuito de contradizer ou refutar, nem para acreditar ou concordar, tampouco para ter o que conversar, mas para refletir e avaliar”.

Fortalecer o ego, livrar a mente da presunção – principalmente, da presunção acadêmica, manter acesa a vela pelo afeto e pelo gosto de toda humanidade, inventar e resgatar a ironia são considerados princípios da leitura.

A leitura nos leva a uma transformação. Conduz-nos a um crescimento: prazeroso, pessoal, sem nos levar a presunção. Afinal, somente o pensamento muda as pessoas: quem lê sabe muito bem o que isso significa. Seria um auto aperfeiçoamento da mente e do espírito. Ler alimenta o espírito. “Ela (a leitura) é necessária, ensinava Sêneca, pois impede que eu me contente com a minha própria pessoa”.

Interessante é notar que algo tão importante não é estimulado nas universidades - principalmente, nas faculdades de medicina: “Hoje em dia, a maneira como lemos depende, em parte, da distância em que nos encontramos das universidades, onde a leitura não é ensinada como algo que proporciona prazer” (Bloom). Como explicar isso? Recorramos à história.



Curiosamente, as universidades foram criadas na idade média - idade escura, período das trevas - quando o homem comum estava condicionado a, inclusive, negar-se a ler, pois “ler era considerado luxo e o luxo era pecado”.

Penso que o grande pecado é continuar formando profissionais, sem a preocupação de estimulá-los para a prática da leitura. Com a possibilidade da abertura de duas novas escolas médicas no nosso Estado, espero que essa falha seja corrigida. Até hoje eu me questiono: “De que valeu saber todo o ‘Ciclo de Krebs, cadeia respiratória’ e os 38 ATPs formados?” Ou ainda, que as células em “olho de coruja” são encontradas nos linfomas! Nunca precisei dessas informações para amenizar a dor e o sofrimento do paciente. Nunca as utilizei para aumentar ou restaurar a esperança daquele doente acometido pelo câncer. Nunca me foram úteis para tomar a difícil decisão: tratar ou não?

O conhecimento técnico é importante, isso não há dúvida. Entretanto, por que não aliá-lo ao conhecimento humanístico adquirido quando se ler livros como: “O pequeno príncipe”, “Terra de homens”, “Cidadela” (Saint-Exupéry); “Hamlet”, “Otelo”, “Júlio César” (Shakespeare); “A República”, “Banquete”, “Fedro”, “Fédon” (Platão); “Ética a Nicômaco” (Aristóteles); “Confissões” (Santo Agostinho); “O profeta” (Khalil Gibran); “O médico” (Rubem Alves); “A arte de viver” (Epiteto)? E por aí vai.

Gosto mesmo é da sabedoria filosófica de Sêneca – o pedagogo do gênero humano – encontrada nas cartas ao seu grande amigo e discípulo Lucílio: “Ê assim que deve ser o nosso espírito: encharcado de conhecimento, preceitos, exemplos tomados de empréstimo a todas as épocas, mas reunidos harmoniosamente... Renuncia agora àquilo de que os homens correm atrás: renuncia às riquezas, que são um perigo ou um fardo; renuncia às volúpias do corpo e do espírito: elas enfraquecem e enervam; renuncia à ambição: nela só há um vão orgulho, que não passa de vento!”.

Caros alunos de medicina corram em direção às livrarias. Aproveitem bem, pois “o caminho que leva ao auge das honras está cheio de emboscadas”, que serão mais facilmente suplantadas com a sabedoria adquirida nos livros.

## ANEXO IV

### O olho de Shiva

Embora, também, compartilhando da ideia de que se conselho fosse bom a gente não daria e sim venderia, resolvi aceitar a sugestão: “Por que você não escreve mais sobre assuntos relacionados com a cirurgia, afinal essa não é a sua praia? Então, hoje, vou falar sobre os avanços da cirurgia.

Seria um pecado capital abordar esse tema sem exaltar uma figura ímpar - o cirurgião americano Efraim McDowell - um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da arte de operar. McDowell, em dezembro de 1809, resolveu não levar em consideração os conselhos dos seus mestres: “Nunca se conseguirá praticar a ablação dos tumores internos, estejam localizados no útero, no estômago, no fígado, no baço ou nos intestinos. Nesse campo, Deus marcou limites ao cirurgião. Ultrapassá-los é praticar um assassinio...” e operou - sem anestesia (imagino como ficariam felizes alguns gestores da saúde, caso operássemos como naquela época: sem anestesia) - uma paciente portadora de um volumoso tumor de ovário. Graças não só a “desobediência”, mas também a ousadia de McDowell, a cirurgia cada vez mais tem avançado.

Hoje, então, poderemos, tranquilamente, extirpar um câncer do interior da cavidade abdominal do doente; realizar abertura no crânio (craniotomia) para retirar um tumor maligno do cérebro; confeccionar pontes (Shunts) para revascularizar o coração; transplantar um órgão de uma pessoa para outra; corrigir mal formações do feto antes do nascimento; emagrecer o paciente através da redução do seu estômago ... tudo fruto da coragem e da ousadia dos cirurgiões. Não dá, portanto, para exercer uma especialidade cirúrgica, sem ser ousado e corajoso.

Sempre fico me perguntando: “O que falta ainda ser criado? Quais técnicas cirúrgicas poderão ser aperfeiçoadas? Até onde irá a nossa ousadia?” É claro que a cirurgia sempre permanecerá como

um campo aberto para o novo. Porém, gostaria mesmo era de ver alguém ser capaz de criar uma técnica para diminuir a ambição do ser humano (percebam que não disse acabar, e sim diminuir, pois uma milésima fração de ambição serve para impulsionar o indivíduo).

Essa cirurgia estaria indicada naqueles pacientes com ambição em demasia: os eternos insaciáveis. Aqueles que, para conseguirem seus objetivos, geralmente relacionados com bens e dinheiro, não se importam com os métodos e meios para obtê-las: são capazes até de vender a própria mãe para acumular mais; utilizam-se, frequentemente, da ingenuidade dos outros para se dar bem; só têm amizade se for para obter algo em troca. O que vale para eles é o ter e não o ser.

Como a ambição anda sempre de mãos dadas com a vaidade, os vaidosos, também, poderiam se beneficiar desse método, que seria chamado de cirurgia para redução da “ambivaldade”, ou “redução da vaidade ambiciosa”. Uma vez já batizado o procedimento, cabe agora saber quem realizaria a operação: neurocirurgiões; cirurgião cardíaco; oncologista; oftalmologista...? Prefiro descartar os três primeiros: os neurocirurgiões – não vou explicar os motivos, pois sei que eles não entenderão e ficarão chateados; o cirurgião cardíaco – por acreditar que a ambição e a vaidade não moram no coração; os oncologistas – apesar de achar que a ambição e a vaidade sejam um dos tipos de câncer da alma, só perdendo para a inveja - não seriam capazes de, sozinhos, ter algum sucesso nesse procedimento. Sobraram os oftalmologistas: aposto todas as fichas neles. Sabe por quê? Pelo fato de acreditar que eles conseguiriam abrir o nosso terceiro olho: o “Olho de Shiva”.

Existe na cultura oriental, uma crença de que possuímos um olho a mais – o olho de Shiva – que, geralmente, está atrofiado pelo nosso ego: “A hipertrofia da análise intelectual do ego humano atrofiou a visão intuitiva do Eu divino”. Uma vez aberto o olho de Shiva, os homens não mais estariam interessados nos tesouros da terra, mas sim nos tesouros do céu.

Carlos Lacerda, com certeza, quando escreveu a crônica “De Pai para Filho”, no seu livro “O cão negro”, estava enxergando com todos os seus olhos – inclusive com o olho de Shiva: “De que vale ganhar mais dinheiro e perder o sentido da vida? (...) Arriscam-se a ganhar dinheiro e perder os filhos. Condenam-se à pior solidão, a dos ricos esvaziados de alma, paupérrimos de substância moral, os ricos somente ricos, incapazes de saber para que acumularam, com tanto sacrifício, às vezes, uma riqueza que não tem nem como nem em favor do que usar”.

Bem o desafio está lançado. Que os nossos oftalmologistas comecem um treinamento árduo para aperfeiçoarem a técnica e quem sabe os nossos políticos possam até servir de voluntários para as primeiras cirurgias!

**\*Edna Maria Rangel de Sá**, é graduada em Letras, pela UFRN, com mestrado em Literatura Comparada e doutorado em Educação, pela mesma instituição. É professora da Escola de Ciências e Tecnologia, da UFRN. Diretora do Núcleo Câmara Cascudo de estudos Literários e professora orientadora Do Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem -PPGeL- da UFRN.

**\*Maria Aparecida Rego** é professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte. Atualmente cursa mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

*Contos*  
*e*  
*Crônicas*

## TEMPO DE FLORAR

*Diógenes da Cunha Lima*

*É preciso reter teu lindo instante  
antes que o tempo tome de ti em sua mão.  
(De uma canção que fiz e quase esqueci)*

**A**nuncio que muitos brasileiros nativos ou adotados estão florando. Novembros, a craibeira, o pau-d'arco, o cajueiro, a mangueira, o pau-ferro estarão florando. Cobrem-se de flores alegrando os nossos olhos de amarelo e de roxo. Há flores vermelhas, brancas dos jasmims, o flamboyant com seu buquê encarnado. Estão florando a maçaranduba, o guajiru, a guabiraba, a catingueira, o cajá-manga. Floram a mangabeira, o araçá, floram floreiras. As flores têm cor, matizes, forma e cheiros que despertam emoções e imaginação. Fagner chega a cantar, dizendo que no quintal: “tem um pé de sonho / que não pára de florar.” É da sabedoria de Salomão que tudo tem o seu tempo. Um baobá flora uma vez por ano, quase sempre em dezembro. Começa com um botão verde, abre em branco, fica creme, marrom, a flor fica seca em violeta. As xananas floram o ano inteiro, todas as manhãs e em qualquer canto de muro, floram na floreira trazidas por passarinhos agricultores.

O meu compadre Marcos Aurélio de Sá me disse que no Açú as mangueiras estão florando fora de época. A indução é feita pelo *stress*. As árvores são irrigadas, dia após dia, e, subitamente, suspendem a irrigação. Nascem flores. Marcos está fazendo uma experiência singular: reflorestando a sua fazenda em Macau com o nativo e especial verde do juazeiro: são duas mil mudas. Acho mesmo que ele está fazendo mais do que isso, está plantando uma ideia.

O relógio biológico das plantas *sabe* qual é o melhor momento para a floração. Agora, pesquisadores do Scripps

Research Institute, dos Estados Unidos, descobriram que podem provocar, em laboratório, quando quiserem, o surgimento de flor nas plantas. O fato se deve à descoberta de que foto-receptores dos vegetais trabalham durante a insolação, dia após dia. Emitem duas proteínas, uma, criptocromo, de luz azul; outra, fitocromo, de luz vermelha. Da relação entre as duas nasce a flor.

As luzes seriam a alma das plantas? Os poetas Guilherme de Almeida e Augusto dos Anjos fazem acreditar que as árvores têm alma. Constatado que uma simples folha é um milagre da natureza. É uma miniusina de energia. Sua função consiste em gerar energia para a planta. Captar luz do sol e transformar água e gás carbônico para combustível. Muitas vezes, a folha pode competir em beleza com uma flor. Veja atentamente o seu formato, a nervura central, a textura, a coloração, a sua delicada e única beleza.

A flor, todos sabem, guarda o órgão reprodutor. A polinização é feita com concurso de besouros, borboletas, abelhas, aves e até do morcego.

A flor serve para tudo: medicamento, decoração, alimento, remédio, é essencial às festas e aos sepultamentos chorosos. A flor dá nome a cidades. A capital da beleza artística do mundo, que já foi capital da Itália, é Florença. Um florentino tomou posse do Brasil, em nome do Rei de Portugal, na Praia dos Marcos, ligando-se à história norte-rio-grandense, Américo Vespúcio. A brasileira Blumenau tem nome vindo de flor. Assim também, as potiguares Florânia e Vila Flor.

Flor é sempre carregada de significação simbólica. Quem diz flor-de-lis recorda a França. Flor simboliza a virgindade, como explicita o verbo *deflorar*. A palavra *antologia* significa uma coleção de flores, literárias. Flor lembra o mais bonito, o melhor possível, a fina flor, a nata, a flor da água. A flor também é símbolo da beleza, principalmente a feminina, da fugacidade, do efêmero e passageiro da vida.

Não gosto do verbo *florir*, tão usado pelos sulistas, ainda que rime com *sorrir*. Prefiro o nordestino florado. Gosto de floração e florescer, não de florejar.

Florar, o nosso país é o país da flora, da rica biodiversidade. O Brasil agora está florando, é preciso florar: toda mulher e todo homem , *antes que o tempo tome de ti em sua mão*.

**\*Diógenes da Cunha Lima** é poeta e escritor, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



## Geração de autistas

*Amando Negreiros*

É impressionante como o tempo passa rápido. Nasci exatamente na metade do século passado, 1951. Podemos, então, dizer que a década de cinquenta (os anos cinquenta, assim com “s” mesmo, pois foram dez anos, nove para mim) foi a infância; a de sessenta a adolescência; a de setenta a mocidade; a de oitenta e noventa a maturidade e a partir de 2011 passei a ter direito a estacionamento para idosos - mesmo sem aquela bengala e sem o andar empenado do velho desenhado - e fila para preferenciais.

Mossoró só veio a ter televisão no final da década de sessenta, assim mesmo com muita interferência de Caracas, como se dizia à época, para justificar o péssimo sinal. Quando vinha a Natal escutava o comentário: por esses dias a televisão está muito ruim... quase nunca prestava. Em 1969, ano em que fui morar no Rio de Janeiro, assisti pela TV a chegada do homem à lua, no dia 20 de julho. Ficávamos todos na sala, conversando e comentando o grande feito: “um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”. Apolo 11, Neil Armstrong, Edwin ‘Buzz’ Aldrin e Michael Collins. Parece que foi ontem, na Praia de Botafogo, 68, apto 403 do edifício Vifer (Vicente Fernandes) na sala com Ivy, Lauro Simões, Mauro e Gilse Campos.

Voltemos a Mossoró. Todas as noites se reuniam, no terraço da nossa casa na Praça da Independência, 37, cerca de vinte a trinta amigos de seu Rafael para jogar conversa fora. Bebia-se muito suco e café. Embora ninguém fosse abstinente (“de todas as taras sexuais, não existe nenhuma mais estranha do que a abstinência” - Millôr Fernandes), não se usava bebida alcoólica. Não raro tínhamos sessões de hipnotismo com Diniz Câmara, nas quais o mais sugestionável era Maia Pinto. O jogo de impugno, altamente instrutivo, com três ou quatro dicionários no centro da roda para

dirimir as dúvidas. Os que tinham melhor vocabulário triunfavam. Seu Rafael e Francisco de Assis Freitas Amorim eram os campeões. Enfim, se conversava, se discutia, se apostava. Às vezes chegava-se até perto dos contendores irem às vias de fato, mas não passavam das altercações acaloradas.

Nas férias, em Tibau, todas as noites nos reuníamos numa das casas para as saudosas tertúlias. Bronzeados, perfumados, algumas doses de Cuba libre (Rum Montila com Coca-cola), dançávamos agarradinhos, ao som de uma pequena radiola, que seria usada nas madrugadas para fazermos audaciosas serenatas para as belas adolescentes.

No final da década de setenta (1977) venho morar em Natal. Vasto círculo de parentes e amigos, o que fazer nas horas vagas? Conversar, ler livros, revistas e jornais, frequentar praias, tomar banho de mar, jogar sinuca, ir a bares, restaurantes e botequins, uma cervejinha, um vinho, um uísque, etc. Discussões sobre temas gerais, literatura, arte, cinema, segunda guerra mundial, música, teatro, conflitos pelo mundo afora, socialismo, neoliberalismo, direita, esquerda, comunismo, muro de Berlim, final da história, religião, gosto, cor, União Soviética, Rússia, Bielo-Rússia, Chechênia, Ucrânia, República Checa, Eslováquia, Iugoslávia (hoje dividida em Bósnia e Herzegovina, Croácia, Eslovênia, Macedônia, Servia, Kosovo, Montenegro, Voivodina), enfim, discute-se de tudo um tudo.

Admite-se que uma geração é um período de mais ou menos vinte e cinco anos. Portanto, estou entrando na terceira geração. Tenho duas filhas com mais de trinta anos (vou apanhar quando esse artigo for publicado...) e um neto dentro dos dez anos. Temos observado que, com a evolução tecnológica, que deu saltos exponenciais neste início de século, a terceira geração, em vez de ser influenciada pela performance comportamental da segunda, está fazendo a cabeça desta.

Depois dos smartphones e dos tablets (principalmente esses dois) essa nova geração não faz mais nada do que falamos acima: não lê revistas e jornais, não bate papo, o som é nas alturas - impedindo qualquer tipo de diálogo. A civilidade, a educação

doméstica, aquela que deveria se aprender em casa; dar bom dia e boa tarde, cumprimentar as pessoas, olhar nos olhos, ouvir, comentar, prestar atenção; acabou tudo. A atenção é apenas para o écran dos aparelhinhos emburrecedores. O vocabulário é de fazer pena, assim como a escrita - é pobre e eivada de asneiras. Outro dia perguntei a um grupo de jovens o que significava “ovacionar”. Responderam que era jogar ovos em alguém.

Alguns estudantes de medicina que fazem estágio nos hospitais, em vez de aproveitar o tempo para aprenderem a prática da medicina, ficam na sala de estar dos médicos, sem aproveitar nada, o que me levou a chamar tal ambiente de “sala de parasitologia”. Recentemente, ao chegar nessa sala, contei cerca de dez alunos. Todos de cabeça baixa, teclando, exceto uma. Ao fazer o comentário de que em dez pessoas, apenas uma não estava com o iphone, ela foi muito honesta: estava tirando o meu do bolso agora!

Estaremos diante de uma geração de autistas? É bem provável. Vejamos a definição na Wikipédia, a enciclopédia livre:

O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento. É uma alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo, de socialização (estabelecer relacionamentos) e de comportamento (responder apropriadamente ao ambiente - segundo as normas que regulam essas respostas). Esta desordem faz parte de um grupo de síndromes chamado transtorno global do desenvolvimento (TGD), também conhecido como transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), do inglês pervasive developmental disorder (PDD). Entretanto, neste contexto, a tradução correta de “pervasive” é “abrangente” ou “global”, e não “penetrante” ou “invasivo”. Mais recentemente cunhou-se o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) para englobar o Autismo, a Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação.

Como diria seu Rafael Bruno, ao observar a cena, é uma tristeza...

**Armando Negreiros** é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 14 da Academia Norte-riograndense de Letras.

## Um retrato e o seu fim

*Elder Flexionildes*

**E**ra um retrato, não visível na parede, como o comum de todos os retratos que se desejam expor.

Este era diferente. Era de uma mulher, e não era diferente por ser de uma mulher, mas pelo que continha de expressividade nas faces e no semblante de clara sobriedade à visão de quem a olhava e que não se furtava ao desejo de vê-la mais de perto e sentir, como magnetizado, o seu olhar, penetrante e de claras vibrações que pareciam se ondular, espalhando no ar, com intensa beleza, uma angelical comunicação silenciosa, mas era penetrante e suave, enchendo de vida o coração de quem a contemplava com enlevado carinho.

O seu olhar, intensamente vivo, ensejava confiança, tranquilidade e bondade, gerando, pela força dali advinda, um estado contemplativo de visível êxtase emocional, condutor de palavras que não foram ditas, mas sentidas e extraídas de uma corrente simples, mas forte, que envolvia com uma perfeição de encantamento, todo o ser, postado em admiração e genuflexão diante daquela presença que contaminava de bondade e majestática nobreza, com imaculado e transcendental estado de espírito, numa candente glorificação, pela transformação do infinito no finito, parecendo se materializar, por injunção e grandeza indescritíveis daquele olhar.

Havia brilho no olhar e candura na face, sem que houvesse quaisquer sinais de contrastes na beleza que dali se espalhava e ganhava ares de divinal presença, como se o retrato fosse o receptáculo da imaculada vida de um ser superior.

O retrato na parede, que antes parecia ser apenas uma sombra, embora fosse desde o início a fonte misteriosa e hermética

de uma indecifrável grandeza, tomara para si, de repente, cores vivas como se as palavras, então surgentes, tivessem a magnitude do som, misturando-se num maravilhoso floreio palavras, som e cores, estabelecendo a simbiose musical de indescritível e inesgotável harmonia.

A candura, a meiguice, a ternura e a suavidade contagiante e angelical da presença feminina davam, num harmonioso conjunto que nascia de um simples retrato na parede, aquele sentido subjetivo que fazia do próprio ser, o invólucro irradiante de uma incomensurável beleza.

O retrato na parede parecia criar alma, fazer sentido, expressar-se com eloquência, no silêncio a que se impôs desde os primeiros sinais existenciais, fazendo daquele silêncio a força magnetizadora e dinâmica da vida à qual se devotara em tributo à beleza que passara a adorar, como se ela próprio fora.

A simbiose foi total. Um já não existia sem o outro. Os dois passaram a ser um. . Eles se completavam.

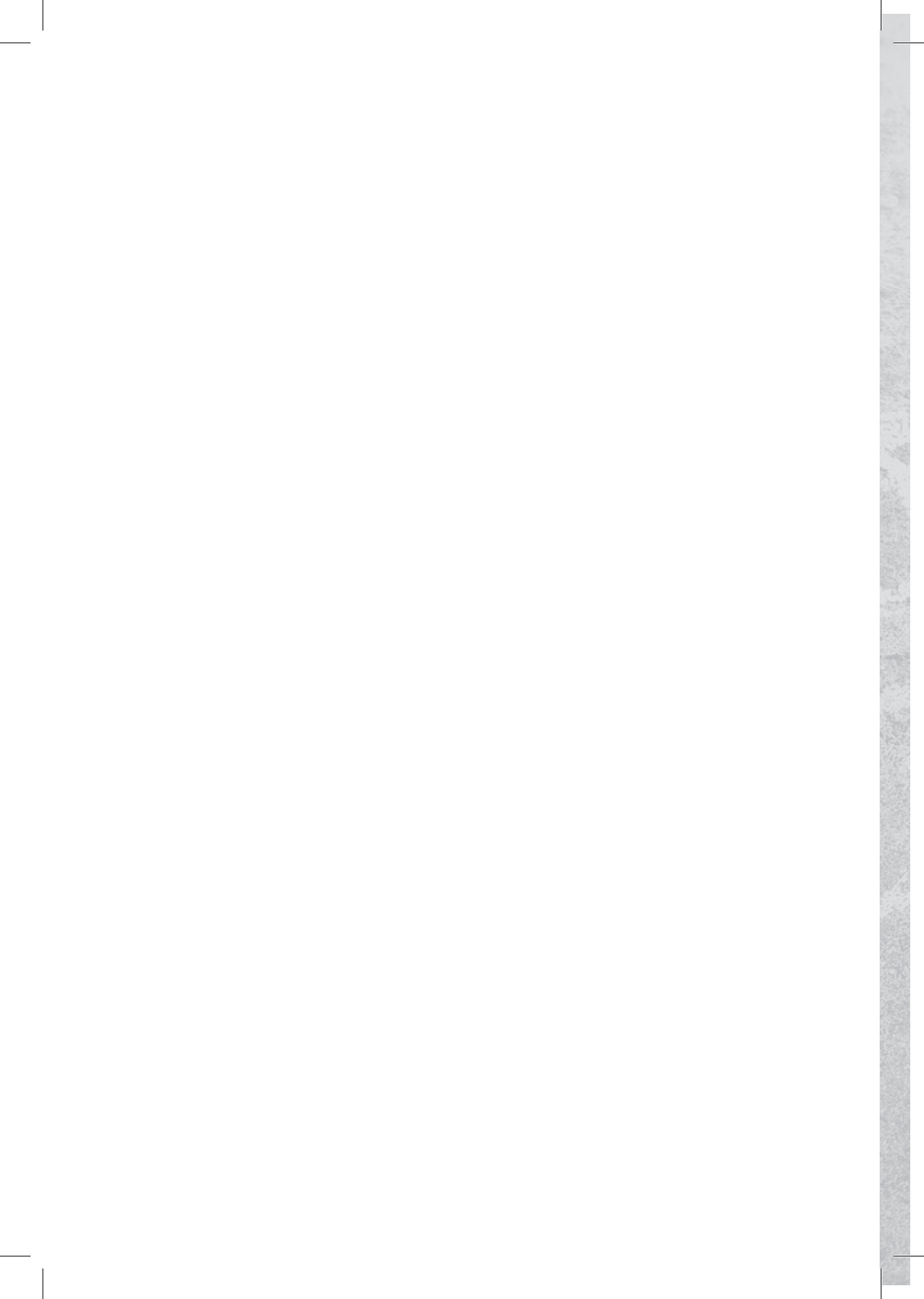
A seiva de vida era transferida de um para o outro. A beleza feminina era exteriorizada com a feérica luminosidade que passara a ter o retrato, que sentia, ele mesmo, como a majestática figura de repositório daquele ser que o contaminara e dominara de inefável e divinal beleza.

Deixara de existir por si próprio, pois se transformara, por uma misteriosa e estranha metamorfose, na transfiguração da beleza feminina, dotada de sentimentos e emoções de si extraídas.

Não era ele, era ela.

E assim se foram consumindo diante do inexorável da vida, quando passaram a não ser mais ele e nem ela, mas o pó irremediável trazido pelo vento e o tempo.

**\*Elder Heronildes** é escritor, autor de “A rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e ocupa cadeira nº 37 da Academia Norte-riograndense de Letras.





*Poesias*

# Ode para Luís Suárez

*Jarbas Martins*

Para teus dentes, tua garra,  
tua gana charrúa, vingador de Espártaco,  
inventaram o Futebol.  
Não para o deleite das elites brancas,  
demagogos fakes de olhos azuis.  
Não para os coxinhas da FIFA,  
de afinados dentes-de-leite.  
Cassaram a Festa.

O sorriso desdentado dos pobres.  
o direito à revanche no Maracanã,  
o palco para a Ópera Neobarroca Sulamericana.  
Sonegaram nosso sorriso,  
o direito de nos vermos frente a frente,  
assombrando os delicados capitalistas.  
Zumbi e Marighella, pretos e *mulatos inzoneiros*  
versus tupamaros, tu e o bravo capitão Obdúlio,  
sob o manto celeste, nosso céu tropical.  
Evoé, herói desterrado de sua Equipe.

Tua vertiginosa e infinita tristeza  
me comove.

\* **Jarbas Martins** é poeta e escritor, autor de “Contracanto”, “14 versus 14” e outras obras.



# Tempo do quase nada

*David de Medeiros Leite*

*A François Silvestre*

Somos rebentos (que desgastam  
as mãos da parteira),  
expelidos por um tempo de frivolidade.

De um tempo  
onde o ideal  
- redundantemente utópico -  
sucumbe a forças indolentes,  
causando náuseas  
pelo apequenado  
e confuso conhecimento.

De um tempo  
ornado de pragmatismo,  
protótipos-estereótipos  
- pobres em efígies -,  
desalterando  
corações serenos em selvagens.

De um tempo  
que nos faz confundir  
visões ampliadas  
com pororocas humanas.

De um tempo  
onde a mansidão  
transfigura-se em birutas de ares revoltos,  
levando-nos como papelotes usados,  
por parecermos pouco ou quase nada.

\***David de Medeiros Leite** é escritor e poeta, membro da Academia Mossoroense de Letras, autor de “Cartas de Salamanca”, “Incerto Caminhar” e outros livros.

*Paulo de Tarso Correia de Melo*

# **CASA VIZINHA**

## Serenata para Itajubá

*Dói-me deixar o país do teu peito  
neste canto de rua escuro.  
Vasto céu com estrelas  
pulsares, respiração, volúpia.*

*A rua tem mais ou menos o jeito  
poético de rua de subúrbio,  
uma pobreza de filme em branco e preto,  
brancos jasmims sobre sombrios muros.*

*A lua ainda não nasceu, apenas  
tua carne se move como as nuvens,  
altas, distantes e indiferentes,*

*alvas, redondas, quase transparentes  
camisas brancas, molhadas de chuva  
de morno verão, que cai de repente.*

*Cheiro de jardins molhados de chuva  
e cheiro de terra que então rescende,  
suores de nuvens são este perfume*

*de roupa lavada na infância da gente,  
de água em telheiros banhados de lua,  
cheiros de lembrança adolescente,*

*Mesclando-se todos pela rua escura,  
correndo de baixo do céu com estrelas,  
fugindo da morna e súbita chuva,  
caída naquele exato momento*

*e presa na memória, pulsar e volúpia  
como projeção de filme branco e preto  
que faz recordar, desde aquela fuga,  
a dor de deixar o país do teu peito.*

## **Soneto praieiro para Othoniel**

*As costas montanhosas , mar a frente,  
lugar de refinadas tempestades  
cerrações, calmarias e correntes,  
faróis e promontórios e enseadas*

*No corpo, revelado de repente,  
- vento de gestos, onda de passadas-  
Sob o sol costumeiro e refulgente  
a carne treme e o coração naufraga.*

*Poderosa procela não presente  
e pequeno desastre e, vaga,  
continua a passar, indiferente,*

*gloriosa nudez a caminho de casa  
comum de deuses. O outro, reverente,  
mergulha em mar de lágrimas e nada.*

## Quadras tortas para Myriam

*Porque te foste para sempre  
é preciso que te cante  
e te cante para sempre,  
**imagem virtual, constante.***

*E se meu verso não traz  
saber e experiência  
de odes elementais,  
**vivencia sobre vivencia,***

*ouve o muito amor que vai  
no pouco louvor que digo  
e a emoção do jogral  
destas **cantigas de amigo***

*à irmã, alta e primeira  
fonte de poesia pura,  
**inventário** de ternura,  
Myriam Coeli da Silveira.*

## **O trem e a chave, dois quadros para Newton Navarro**

*Da infância  
de Navarro,  
sua mãe,  
Dona Celina,  
contou-me  
duas histórias:*

*De uma feita, viajavam  
de trem, para o interior.  
O trem estava atrasado.  
Distraíram o menino  
com alguns  
lápiz de cor.*

*Foi quando surgiu  
do nada um inglês,  
meio perdido:  
Minha senhora, o seu  
filho tem as mãos  
de um grande artista.*

*De outra vez, pedindo à mãe  
que desenhasse uma chave,  
respondeu à negação  
da atarefada senhora :  
Como é que uma professora  
não sabe desenhar chave ?*

*A mãe, já tarde da noite,  
traça o risco do objeto  
sobre a folha de um caderno  
da escola onde ensinava.  
A pergunta do menino  
a deixara envergonhada.*

*Conto as histórias de então  
tal qual me foram contadas,  
com ar de mistério e ternura.  
Quem era o profeta inglês?  
Que chave aquela, senão  
das palavras e figuras ?*

*Cantadas na mesma clave,  
une as dispaes histórias  
um sentido mais profundo:  
ao ritmo da memória,  
o trem da infância é a chave  
para os caminhos do mundo.*

## **3X4 para João Lins Caldas**

*Rainha, santa,  
mulher do povo  
às folhas tantas  
aqui renovo*

*tua cansada  
biografia  
em desfocada  
foto grafia.*

*Graus de parentes,  
primo e segundo,  
mundo de primos  
por este mundo.*

*Ancestrais perdas  
em outras eras,  
árvores, peixes,  
asas, moneras,  
Troias, Homeros  
e outras origens,  
mulher que eras  
todos os homens.*

*Tinhas na mão  
linhas de sorte.  
Linhas de vida,  
linhas de morte.*

*Pelo comprido,  
face encovada  
e dentadura  
tanto estragada*



*Casa Vizinha*

*pela dieta  
frugal de pão,  
rapadura  
e mel.*

*Em breve crônica,  
pouco de seu.  
Exata, icônica,  
vi Isabel.*

\* **Paulo de Tarso Correia de Melo** é poeta e escritor, autor de *Talhe Rupestre* e vários outros livros. Ocupa a cadeira nº 11 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

*Diva Cunha*

# AVESSA PAISAGEM

*Em memória de Moacyr Cirne*

## **Dúvida I**

*Quando explodirá na terra  
a dor que congela  
a expressão dura  
no rosto do céu?*

## **Certeza**

*O véu úmido das palavras  
não vela a paisagem,  
que os dezessete músculos  
desidratados da língua  
teimam ocultar:  
chamas na terra, no céu, no mar*

*Diva Cunha*

## **Aviso I**

*As trombetas de Deus  
desafiam os homens  
sobre os montes*

*Espreitam dos meus olhos  
as pupilas de gato de Deus  
ondas que arrebetam  
contra os muros da cidade*

## **Dúvida II**

*Pode um não  
impulso cego afirmar-se contra um sim?*

*Pode a vida  
potência divina cansar-se?*

*Podem os homens  
infeccionarem a terra?*

## **Nova Amsterdam**

*A cidade não lembra nada,  
antes conhecido ou amado*

*Tem cortes bruscos,  
nas avenidas desonestas*

*Assombra no óleo graxo das sarjetas,  
onde me colho repetida e suja*

*Na clara fadiga das ruas,  
a morte é solução mais certa*

*Temos tudo a perder  
nessa paixão frustrada:  
eu, carne que ela faz gemer  
ela, herança que se faz pesada*

## **Temas**

*Não é tema o homem sem pão  
na primeira hora do dia*

*O menino bichado pela vida  
A mulher sangrando sem sossego*

*As palavras se negam a cooperar  
com o retrato falado da miséria*

*antes escorrem feito remela  
no rosto descarado da cidade*

*Diva Cunha*

## **Acidente**

*O olho do menino,  
me atropela na esquina*

*Olho pidão  
de faca na mão*

## **Notícia de jornal**

*Na cela com trinta homens  
A menina de quinze anos  
Foi estuprada mil vezes*

*O governador não  
O juiz não  
O delegado machão*

*O Pará foi parar  
Na boca da mata*

*O Brasil quer gritar  
Mas sua boca está cheia de formigas*

## **Mãe Luiza**

*O farol na duna, o mar sem fim  
milhões de travessas apertadas  
escoadouros de água humana:  
o porteiro,  
o asg,  
a babá,  
a cozinheira  
o motorista,  
o jardineiro  
Não é subindo a ladeira que se sobe na vida*

## **Outras paisagens**

*O carro move a cidade,  
expõe as tripas da avenida:  
uma mendiga,  
dois assaltantes  
um bêbado*

*o dia gira nos gonzos  
a platéia aflita pede passagem  
para outras paisagens*

## **Domésticas**

*A morena cheira forte  
envenena o ambiente  
com o suor do trabalho*

*por sob a touca  
o rostinho redondo  
de menina grande*

*concentra a força  
num ponto da testa que explode e dói:  
os filhos, o homem doente, o lar*

*poderia fluir, desaguar em rio manso,  
mas cai com ruído sobre as pedras,  
que lhe retalham a carne*

## **Insustentável**

*Seis moleques,  
imprensam a tarde  
contra a parede:*

*fome  
sede  
ignorância  
crak  
navalha  
solidão*

*desarmada  
a tarde  
cai*



## **Cidade**

*A lama dos mangues  
apodrece o dia  
do país natal*

*fede a merda  
esse ovo  
que puseram  
na costa*

*Quando cessará  
essa onda  
de lançar excrementos  
em nossas praias?*

## **Monopólio**

*O sexo das meninas  
foi leiloado na Bolsa de Valores,  
que depois de sugar o ventre da terra  
seca os peitos ainda por nascer*

## **Uso**

*A mulher jazia dentro do corpo  
macerado pelo ácido dos dias  
tão pequena  
tão rosa murcha  
que doía*

## **Avião**

*Moleque vadio  
virou bicho alado*

*Voo interrompido  
no corpo sangrado*

*investimento da vida  
tão jovem negado*

## **Sentença**

*Não faço concessões  
quando manejo sins*

*O corpo corta um não  
serve em fatias finas*

*Na escuridão me enrosco  
compactuo com as trevas:  
serpente ou semente*

## **Aviso II**

*O dia escorre apressado,  
a natureza espreita das nuvens  
o movimento dos homens*

*Imagino o galope das dunas,  
sobre a cidade abismada*

*O verde tragando o duro asfalto,  
o mar fora do leito,  
as ondas devorando  
o que restou da paisagem*

## **Conclusão**

*Cinco séculos de escravidão  
o desconforto da certeza  
que ainda é plena noite  
na brasa acesa*

*Diva Cunha*

## Posfácio

*Com o ouvido na terra  
o poeta emperra a flauta.  
O que lhe resta  
se outro tema  
mais ameno lhe falta?*

*Para consolo do leitor,  
convém passar a página,  
sem pensar que,  
a casa terrestre abalada,  
por dentro e por fora assaltada,  
não para de tremer*

**\*Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo** é poeta, escritora e professora, autora de “Canto de Página”, “Resina” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 30 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



*Novos Acadêmicos*

## Leide Câmara: musicalidade acadêmica

### Discurso de saudação à acadêmica Leide Câmara

*Anna Maria Cascudo Barreto.*

Quando buscamos a natureza, em poucos locais privilegiados no interior, longe das buzinas e dos ruídos dos grandes centros, se estamos atentos e sensíveis, descobrimos uma tapeçaria sonora à nossa volta. A textura acústica noturna, a delicada combinação do vento nas folhas e o som de insetos e aves apresentam um coro unificado.

Bernie Krauser, no seu famoso livro “A Grande Orquestra da Natureza” defende que os nossos ancestrais lograram um relacionamento íntimo com as paisagens sonoras, aprendendo a lê-las e extraindo delas a essência. O mitológico jardim do Éden certamente estava coberto por vastas florestas, tão ricas e belas que Adão e Eva devem ter se encantado com o panorama acústico vibrante. Formaram a primitiva audiência do burburinho melódico natural...

“*A música é um barulho que pensa*”, argumenta Victor Hugo, em *Le Petit Philosophe de Ponche*. Já Browning afirma que “*Quem ouve música, sente sua solidão/de repente povoada*”. Baudelaire, em *As Flores do Mal*, registra que “*a música talvez me leve como o mar/ à minha murcha estrela/sob um teto de bruma ou por éter sem par/vou soltando a vela...*” Unamuno, no seu *Diário Íntimo*, assegura que “*entre as graças que devemos à bondade de Deus uma das maiores é a música*”. O diretor cinematográfico Woody Allen, que é músico, certa vez comentou que a elegância estrutural da Sinfonia número 41, de Mozart provava a existência de Deus. E o próprio Mozart teria confessado ter se inspirado nas linhas vocais ascendentes e descendentes dos cantores da alvorada.

Pessoalmente, considero a mais sábia definição do mistério

melódico a poesia de Olavo Bilac: “*És samba e jogo, chiba e fado, cujos/ acordes são desejos e orfandades/ de selvagens, cativos e marujos/ e em nostalgias e paixões consistes/ lasciva dor, beijo de três saudades/ flor amorosa de três raças tristes.*”

A casa dos meus pais era plena de sonoridade e melodias. Dália, minha mãe, criava pássaros, e a escala musical dos seus cantares preenchia todos os cômodos. Papai se proclamava pianeiro; os foxes norte-americanos e as melodias brasileiríssimas de Heckel Tavares, Oswaldo de Souza e Ary Barroso eram suas interpretações favoritas. Sinhá Freire, a avó materna, tocava os clássicos. Chopin, Bach e Mozart com suas harmonias inesquecíveis surgiam semanalmente em audições emocionais.

E falemos das visitas. Oriano de Almeida e seu piano magistral; Luiz Gonzaga e Zé Dantas, com a famosa sanfona; Jackson do Pandeiro com bandinha; Ângela Maria, interpretando *in capella*; Silvio Caldas, Nelson Gonçalves provocando serestas.

O mano Fernando Luís fundou a Sociedade Artística Estudantil. Daí em diante constantemente apreciávamos vozes e instrumentais de Joãozinho, Edinho e Gilvan Bezerril, o Trio Irakitan cujo nome foi dado pelo meu pai; Paulo Tito, Sales, Roberto Ney, Odair Soares, Francisco Helion. Gumercindo Saraiva e seu violino; muitas bandas cujos nomes fogem, além do Trio Marayá. Presença constante de notas e apresentações.

Se eu for eleger os instantes musicais que mais me marcaram, apontarei Dorival Caymmi, que nos visitou no Grande Hotel do Recife. Da varanda, assisti espremida entre Luís da Câmara Cascudo e Dorival, o desfile de um Maracatu de uma beleza incomensurável. Impressionou-me o fato de meu pai e o compositor do mar conhecerem pelo nome todos os personagens, que depois da demonstração subiram até o hall do hotel travando animada conversa, interrompida por cânticos e danças.

Ary Barroso visitou-nos, já na Junqueira Ayres, e da varanda assistimos sua bem-humorada imitação de uma baiana, até requebrando. Sisudo, ele se transformava interpretando sua genial música e solicitando a opinião do meu pai.

Com Gilberto Freire e Dona Madalena ,no Recife, acompanhei papai, mamãe e o mano Fernando na coroação da Rainha Ginga, repleta de um ritual exótico, também em Apipucos. Surpreendeu-me a visão das lágrimas paternas. Papai se mostrava emocionado com a representação. Gilberto Freire também. Dóris Monteiro era namoradinha de Fernando e interpretava seu cantar delicado. Tinha uma grossa trança, corpo esbelto e o romance contrariava mamãe. Elizete Cardoso era presença estimada.

Na Junqueira Ayres, já adolescente, assisti uma exibição de Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara, em minha homenagem. Assinava uma crônica em “A República” intitulada “Cantinho de Hi-Fi” e minha crítica parece ter tido eco emocional.

Roberto Furtado, ao meu pedido, trouxe a Natal Roberto Menescal e Silvinha Telles. Hóspede do primo Eider Varela, ouvimos Bené Nunes acompanhar Maysa Matarazzo. Bossa Nova era a minha especialidade e meu ícone João Gilberto, além das músicas de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Conversando com Aloysio de Oliveira, que era namorado de Silvinha, ele me contou que, quando pertencente ao Bando da Lua, que acompanhava Carmen Miranda, muitas vezes trouxe bilhetes de Walt Disney para papai e levou as respostas. Infelizmente essa histórica correspondência foi extraviada.

Papai foi um dos fundadores da Escola de Música da UFRN, junto com Waldemar de Almeida. Estudei com ele a história da musicalidade no tempo. Aprendi solfejo e canto lírico. Lia a melodia nas pautas até alguns anos passados. Escrevia sobre música aos treze anos, *em A República*. Aos quinze mantinha um programa na Rádio Nordeste, transmitido da minha “sala de música”, apontando sucessos. Nessa época entrevistei vários artistas, como Luis Carlos Vinhas, Agnaldo Rayol. Fui “Rainha dos Brotinhos” do programa da Rádio Poti. Com faixa, coroa e tudo. No comando, Luís Cordeiro.

Tive a honra de ser a primeira mulher a editar e apresentar programa de variedades culturais na TV-UNIVERSITÁRIA, com uma hora de duração, aos domingos, líder de audiência.



*Semanário's* mostrava desfiles da moda local, conjuntos folclóricos, artistas pintando ou esculpindo ao vivo, teatro. Tarcísio Gurgel falava sobre livros, descoberto por *Semanários*. Turismo era outro forte. Romildo Gurgel, Aldo Medeiros, Grácio Barbalho participaram do famoso “A Outra Face”, revelando talentos desconhecidos de gente famosa. Peri Lamartine falava sobre turismo, em “Batendo Perna”. Tudo na época do Reitor Genário da Fonseca. A repercussão foi tamanha que a TV-Anhanguera nos premiou com o Troféu Revelação Nacional. Ainda prestei assessoria à Delegação Norte-rio-grandense em Washington, D.C., entre 12 e 24 de junho de 1973, atendendo convite do Governo do Estado e do Banco do RN. A exposição foi nos Salões do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Participei como membro da Comissão Julgadora do famoso I Festival da Canção Popular do RN e do I Festival de Compositores do RN. Concedi entrevista na “Voice of America” em 1980. Fiz estagio na TV Cultura, Fundação Padre Anchieta em 1970.

A carreira jurídica me vocacionava, e assim fui Adjunto de Promotor, concursada como Promotora de Justiça, Curadora, Procuradora. Casei, tive filhos, netos. Mas da música nunca me afastei.

Todas as referências feitas à minha trajetória existencial servem exclusivamente para definir o quão foi válido o conhecimento e posterior amizade com a nova imortal, Maria Leide Câmara de Oliveira. É sabido que a afeição normalmente surge com a coincidência dos objetivos. E Leide pesquisava, estudava e conhecia em profundidade a história e os personagens da nossa música popular. Conheci-a quando ela recebeu o Premio Hangar de incentivo à música popular no ano de 2000. Já era referência no meio como expert. Ouvi elogios feitos por Glorinha Oliveira (que foi minha “Mulher Especial” no livro editado pela Global, SP, em 2003) e Chico Helion. Em 2001 ela lançou o “Dicionário da Música do Rio Grande do Norte” com 600 verbetes de música catalogados, com discografia e musicografia, entre eles Ademilde Fonseca, Aldo Parisot, Carlos Alexandre, Carlos André, Chico Antônio, Chico Helion, Dosinho, Elino Julião, Fernando

Luis, Gilliard, Glorinha Oliveira, Henrique Brito, Hianto de Almeida, K-Ximbinho, Mário Tavares, Núbia Lafayete, Paulo Tito, Terezinha de Jesus, Trio Irakitan, Trio Marayá, analisados pioneiramente. Constam ainda composições poéticas de Lourival Açucena, Ferreira Itajubá, Junquilha Lourival, Nei Leandro de Castro, Diogenes da Cunha Lima, Segundo Wanderley, Auta de Souza e Zila Mamede. O livro resultou de cinco anos de pesquisa sobre a produção musical potiguar do início do século até abril do ano da publicação, nos mais diversos gêneros. Foi lançado no Palácio da Cultura, juntamente com a Exposição “Cem Anos de Música Potiguar”. Acresce que ela já possuía desde 1996, um riquíssimo acervo de discos em acetato, de papelão, em vinil de 78 RPM, compactos, elepês, fitas cassetes e de vídeos, CDs, além de livros, partituras, fotos e recortes jornalísticos – verdadeiras relíquias desde 1908. É válido lembrar quão difícil foi decodificar os registros fonográficos de modinhas, valsas, toadas, canções, bossa nova, sambas, baiões, xotes, xaxados, forrós, cocos, repentes, reggae, blues, rocks e melodias clássicas praticamente desconhecidos, alguns sem data, outros sem nome completo e afinal com ausência de autores. Catalogados 30.000 melodias e mais de oito mil discos. Hoje esse tesouro se denomina Instituto Leide Câmara- Acervo da Música Potiguar.

Em 2003 Leide prestou mais um trabalho incomparável para a nossa tradição e memória musical. O CD “Serenata do Pescador” traz a interpretação emocional de “Praieira”, comemorando os oitenta anos do Hino do coração potiguar. Consagrando a inspiração dos seus compositores Othoniel Menezes e Eduardo Medeiros através das vozes e do sentimento de Marina Elali, Paulo Tito, Fernando Luis, Odaires, Pedro Mendes, Glorinha Oliveira, Terezinha de Jesus, Liz Nôga, Lucinha Lira, Babal, Valeria Oliveira e nomes de tamanha importância fonográfica, com arranjos diferenciados de Alexandre Moreira, Francilúzio, Roberto D` Angelo, Paraguai e Antônio Ventura.

Foi quando Leide idealizou e cumpriu um projeto que ela intitulou “Serenata para Natal”, juntamente com o empresário e produtor William Collier. Era o ano de 2004, e mensalmente,

na última sexta feira, à noite, no jardim do Palácio Potengi, eram reunidos artistas locais e talentos nacionais que interpretavam composições românticas, no estilo “serenata”. Quando alguém passava pelo centro da cidade, o som de violões, cavaquinhos, bandolins e piano mergulhavam os corações e as mentes numa atmosfera poética. Vezes sem conta estivemos na plateia, cantando e de mãos dadas com o inesquecível Camilo. Era um programa inteiramente lírico, que nos transportava à outra dimensão. Nunca deixei de cumprimentar Leide, abraçando-a, pela concretização de ideia tão feliz. Creio que foi um tempo de diminuição de assaltos e homicídios; uma temperatura de alto astral tomou conta da cidade. O poder da música é incalculável.

O Trio Irakitan nasceu na nossa casa, segundo a inspiração da turma da SAE, capitaneada pelo mano Fernando Luis da Câmara Cascudo, autor da maravilhosa “Prece ao Vento”. Era o ano de 1950. Vários talentos surgiam, e dentre eles se destacava o violão e a voz maviosa de Edson Reis de França, o Edinho, o ritmo do tantã de João Manoel da Costa Netto, o Joãozinho, e o afoxé e o vozeirão de Paulo Duarte Bezerril, Gilvan. O trio recebeu o nome de Irakitan por Luis da Câmara Cascudo, lembrando a pedra verde-clara, também denominada muiiraquitã, com que lendariamente as Amazonas brindariam os amados.

O trio foi sucesso no nordeste, fez excursões internacionais e se tornou ícone musical, após várias formações, com as posteriores mortes de Edinho e João Costa, este último já residindo no Rio de Janeiro. Lembro de uma película que emocionava os integrantes, quando eles cantavam e a atriz Ninon Sevilla bailava. Gilvan manteve o trio com múltiplas gravações e procurando timbres que se assemelhassem aos primitivos, obteve vitória e apresentações. Leide gravou o Trio em 2008, sob a direção do talentoso Eduardo Taufic. Gilvan tentou editar um livro com a sua história. Fiz o longo prefácio e desconheço seu paradeiro.

Aproveitando a comemoração dos cinquenta anos da Bossa Nova no Brasil, em 2010, Leide resgatou um dos seus mais autênticos pioneiros, o potiguar Hianto de Almeida, compositor

dos mais profícuos e de reconhecimento nacional. Hianto Ramalho de Almeida Rodrigues faleceu em 1964, deixando um tesouro musical dos mais ricos. Leide lançou um livro através da Federação do Comércio, apresentando uma cronologia da vida deste talentoso e inesquecível compositor.

Luiz Gonzaga e a Música Potiguar é outro trabalho de Leide Câmara. A influência de Gonzaga no território potiguar é incomensurável. Lembro-me de vezes sem conta dos encontros do inesquecível compositor com Luis da Câmara Cascudo. Os dois eram grandes amigos e há registro também de encontros com Zé Dantas, seu inspirado parceiro. Luis da Câmara Cascudo foi convidado a buscar raízes populares para os ritmos lançados, e assina belo texto da contracapa de um dos mais afamados elépês. Leide também logrou documentar os fortes laços existentes com Zépraxedi, que foi o autor da primeira biografia de Gonzaga em versos matutos.

Finalmente, no prelo, Leide tem “Praieira 91 – A Canção da Cidade do Natal.” Isso porque nunca é demais registrar a beleza poética e sonora do nosso Hino Emocional.

A nova imortal não se considera uma literata no âmbito geral da palavra. À semelhança de Deifilo Gurgel no folclore ou de Francisco Marinho Fernandes no registro documental do mundo cultural e histórico, ela pode ser incluída como excelente pesquisadora e autêntica registradora da cultura musical potiguar, preenchendo lacunas existentes e resgatando para a posteridade, pérolas sonoras que seriam perdidas sem o seu interesse e dedicação.

Nascida em Patu, Leide é do signo das grandes paixões e da persistência, pois seu aniversário é seis de novembro. Pesquisadora, Produtora Cultural, é membro do Instituto histórico e Geográfico do RN, sócia da Academia Feminina de Letras. Tem Curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela UFRN e é detentora de títulos e prêmios incontáveis.

Mas o que considero de mais notável na especial confrreira da Academia Norte- Rio- Grandense de Letras é a sua sensibilidade

extraordinária quanto à eufonia, modulação, ritmo, sonoridade. Ela nos ensina a capacidade de escutar a densidade e diversidade vocal, sobreposição e encobrimento das frequências e carimbo acústico.

Recordo uma madrugada em que, desperta, na antiga Junqueira Aires, hoje Câmara Cascudo, abri a porta da casa paterna e assisti Luis da Câmara Cascudo com seu charuto aceso, parecendo inebriado com um concerto na TV, da Sinfônica de Berlim. Surpreendi-me porque não havia sonoridade, certamente para não despertar nossa amada Dália. E sabia da praticamente inexistente acuidade auditiva do meu genitor. Por que ele sorria e assistia uma orquestra muda, ele surdo? Fiz um bilhete e o indaguei acerca do assunto.

Com a sabedoria e humildade que o caracterizava, ele me respondeu citando Olavo Bilac quanto às estrelas. E explicou, sem mágoa, não haver necessidade da escuta, quando todos os padrões sinfônicos estavam registrados na mente do professor e amante da música. Falou-me que alguns animais, como os golfinhos e as baleias emitem sons intensos, assim como o camarão pistola, cuja intensidade acústica está muito além do ouvido humano.

Recordou-me ainda que mesmo amarrado ao mastro, com os ouvidos tampados para resistir à tentação do canto das sereias, Ulisses certamente adivinharia seu entoar, pois esta melodia vive em nós.

No meu livro intitulado “Neblina na Vidraça”, resgatando a vida e a obra de Palmyra Wanderley, em 2005, registro sua vida acadêmica, pois ela ocupou a cadeira número vinte, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, escolhendo sua patrona, Auta de Souza. Publico o poema de Palmira, na primeira revista da Academia, intitulado “O Cântico daquela que espera”.

Assim termina sua poesia, depois musicada, que hoje relembro:

*“Para dizer aos pássaros quem és/  
Cantava pelos ramos a  
minha alma/ e eu fiquei, outra vez, à tua espera./ Até que vens,*

*na sombra vagarosa/ no perfume das plantas aprazíveis/ no mistério das coisas intangíveis./ De longe, ainda, em meu olhar te enlaço/ no som das moitas, que nas águas soa/ Na voz das aves, que eu reter quisera.../ até que vás, na brisa que se escoia./ E eu me fico, outra vez, tateando no espaço/ e eu me fico, outra vez, na prolongada espera.”*

Natal, 4 de junho de 2013

***Anna Maria Cascudo Barreto***

# Discurso de posse da Acadêmica Leide Câmara

## Um momento de gratidão

Primeiro gostaria de agradecer aos Acadêmicos por me ter acolhido nesta Casa. Muito me orgulha ser a oitava mulher a pertencer a Academia Norte-rio-grandense de Letras, junto a Carolina Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Palmira Wanderley, América Fernandes Rosado Maia, estas in memoriam; e, atualmente, a Anna Maria Cascudo Barreto, Sônia Maria Fernandes Ferreira e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo.

Agradeço a Acadêmica Anna Maria Cascudo Barreto, pela saudação que muito me emocionou. Sua fala me levou a fazer uma retrospectiva e reviver momentos importantes de minha vida.

Agradeço à Comissão de recepção, aos Acadêmicos Jurandyr Navarro da Costa, Manoel Onofre de Souza Júnior e Valério Alfredo Mesquita.

Aos meus pais, Luiz Antônio de Oliveira e Luiza Câmara de Oliveira, que me ensinaram a valorizar o simples e a guardar peças de épocas diversas de nossa sociedade. Assim como faço com as obras musicais.

Aos meus familiares e em especial à sobrinha Luiza Shioga, que apesar da flor da juventude de seus vinte e cinco anos, é uma colaboradora a quem destinei o Acervo da Música Potiguar.

Aos queridos amigos, Alexandre Lisboa e Paulo César, presidente e vice-presidentes da Anasps.

A Sales Augusto e Rita de Cássia.

Aos músicos e seus familiares.

À imprensa, pela divulgação de nossos projetos.

A todos aqui presentes, meu carinho e agradecimento.

Confesso que, ao lado de todos vocês me sinto fortalecida e amada.

Na minha fala, marcada pela simplicidade, serei breve.

## **A saudade de um passado imortal**

Gostaria de ter o dom da oratória para, nesta noite tão especial, poder traduzir a minha felicidade de chegar à Academia Norte-rio-grandense de Letras, lugar de consagrados escritores, poetas e de músicos norte-rio-grandenses com projeção nacional. Esse segmento de intelectuais que fizeram e fazem a cultura do Povo Potiguar.

Chego à Academia pela unanimidade dos votos, pelo caminho traçado pela vida, pelo destino e pela missão de pesquisar a história dos músicos e da música da Terra de Poti.

Sabemos que a vida é breve, mas de certa forma, a Academia insere seus pares numa esfera de imortalidade.

## **A Casa dos Imortais**

Nossa Academia, já com 78 anos, foi idealizada e fundada por Luís da Câmara Cascudo com um grupo de escritores e poetas potiguares, no dia 14 de novembro de 1936. Câmara Cascudo, que chamo de nosso Pai Universal, pois entendo que é quase impossível fazer algum estudo sobre qualquer assunto sobre o Rio Grande do Norte sem que ele não seja a referência.

Uma mente iluminada que, com sua máquina de escrever, olhou o mundo pela janela da Junqueira Aires, vislumbrando além do Potengi amado e da Esquina do Continente. Deixou uma obra imensurável ao abordar temas, de todos os credos, de todos os traços da cultura da Nação Potiguar.

Tenho orgulho em tê-lo conhecido e ter em minha biblioteca suas obras, muitas delas autografadas, graças a minha irmã Leneide, professora de História do Rio Grande do Norte, na UFRN, que teve o cuidado em levá-las para que Cascudo, pacientemente, as autografasse, e ele, claro, sempre saía com uma



de suas tiradas que lhe eram tão peculiares. “*Agora vão baixar em outro terreiro*”.

## **O Patrono**

Padre Francisco de Brito Guerra

Nasceu em Campo Grande, (RN) a 18 de abril de 1777. Foi um dos fundadores de “O Natalense”, primeiro jornal da Província do Rio Grande do Norte, em 1832. Primeiro presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, em 1835.

Padre Francisco de Brito Guerra, segundo o seu biógrafo, o escritor José Melquíades de Macedo, foi o primeiro potiguar a ter uma obra publicada, o discurso “*Oratio Acadêmico*” na coletânea “*Gratidão Pernambucana*”, organizada pelo Padre Manuel Jácomo de Menezes, em 1801.

Seriam páginas e páginas para falar sobre o nosso patrono, de Senador do Império pelo Estado a vigário da Matriz de Nossa Senhora Santana de Caicó. Não quero cansá-los, e com certeza perderia a riqueza de detalhes do livro do professor José Melquíades, “Padre Francisco de Brito Guerra - Um senador do Império”, publicado em 1968, que considero a obra mais importante para se estudar e conhecer este intelectual que nasceu há 237 anos. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ) no dia 26 de fevereiro de 1845, aos 68 anos.

O primeiro ocupante

José Melquíades de Macedo foi o fundador da cadeira 31, tendo sido, portanto, seu primeiro ocupante. Foi eleito em 8 de outubro de 1964, mas só veio a tomar posse no dia 26 de agosto de 1967, quando foi saudado pelo Acadêmico Veríssimo de Melo.

Nasceu em Macaíba (RN) a 29 de outubro de 1925. Foi professor de latim, inglês e literatura anglo-americana. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, jornalista, cronista, pesquisador, professor, ensaísta e professor emérito da UFRN. Seu gosto pela literatura o fez publicar dez livros. Faleceu em Natal no dia 11 de novembro de 2001. A

Saudação da saudade, o necrológio foi feito pelo Acadêmico João Batista Pinheiro Cabral.

José Melquíades de Macedo é nome de Escola Municipal localizada na Zona Norte em Natal e Patrono da cadeira 18 da Academia Macaibense de Letras.

### **Sucessor da Cadeira 31**

Pedro Vicente Costa Sobrinho foi eleito para a Academia em 25 de julho de 2002 e tomou posse no dia 26 de agosto de 2004, quando foi saudado pelo Acadêmico Manoel Onofre Júnior.

Nasceu em Macau (RN) a 19 de outubro de 1945. Embora tenha nascido em Macau, foi morar com a família em Recife, onde residiu por dezoito anos, entre as cidades de Jaboatão e Ribeirão.

Foi escritor, pesquisador e professor da UFRN e da Universidade do Acre, cidade onde residiu durante alguns anos. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da União Brasileira de Escritores. Dirigiu editoras, livrarias e jornais. Publicou vários livros, dentre os quais destacamos “*Capital e trabalho na Amazônia Ocidental*”.

Pedro Vicente, faleceu em Natal no dia 5 de setembro de 2013; foi cremado e suas cinzas jogadas no Rio Acre. A saudação da saudade, o necrológio foi feito pela Acadêmica Anna Maria Cascudo Barreto.

### **Sucessora**

Na cadeira 31 sucedo nosso saudoso Pedro Vicente de cuja amizade tive a honra de desfrutar; e com ele conviver em vários momentos culturais da nossa cidade.

Chego à Academia trazendo a experiência de dezoito anos de pesquisas, com registro de informações sobre a música do Rio Grande do Norte, até então ainda não documentadas. Em 415

anos da fundação de nosso Estado, consegui recuperar e catalogar mais de um século da produção musical potiguar. Uma pesquisa valiosa, pois a cada 100 anos se perde a referência de uma geração.

Li velhos jornais, documentos de arquivos de familiares de músicos, frequentei Sebos, fui buscando nas informações orais a história musical, constatando o pouco que se sabia ou se sabe de nossos artistas. Busquei em cada segmento, referências de outros músicos, de parceiros musicais de suas épocas e diferentes gerações. Qualquer informação era válida para mim. Ficava sempre atenta à expressão “*Ouvi dizer*”, pois ali já me despertava uma fonte de pesquisa. Viajei pelo interior do Estado e pelo Brasil, América do Sul e Europa, garimpava tudo. Reuni obras que pudessem me fornecer algumas pistas sobre a passagem dos músicos que migraram e fizeram suas trajetórias em outros locais do país e mesmo no exterior.

Na leitura de obras dos pesquisadores brasileiros, identifiquei músicos sem qualquer referência de sua terra natal. Aqui no Estado encontrei os livros de Gumerindo Saraiva, Manoel Onofre Jr., Manoel Procópio, Cláudio Galvão e Grácio Barbalho. Conversei com diversos colecionadores de discos, de cada um extraí dados, o que me permitiu checar tantas informações, tão relevantes para conclusão de meu trabalho.

O Acervo da Música Potiguar é um patrimônio singular na história da música brasileira. Nele existem 38.000 mil músicas cadastradas.

Muito me orgulha um estado que tem em um só lugar o que se produziu e se produz na esfera musical.

É importante destacar que em 1936, Câmara Cascudo, Waldemar de Almeida e Gumerindo Saraiva lançaram a Revista Som, uma publicação do Instituto de Música, como bandeira em defesa da música. Sessenta anos depois, em 1996, iniciei minhas pesquisas.

Gostaria de, nessa oportunidade, lembrar algumas canções que marcam o nosso Estado. *Royal Cinema*, de Tonheca Dantas

que completou 100 anos; *Serenata do Pescador - Praieira*, de Othoniel Menezes e Eduardo Medeiros com seus 91 anos; a valsa *Mimi* de Uriel Lourival, com 80 anos, *Prece ao Vento*, de Fernando Luís da Câmara Cascudo em parceria com Alcir Pires Vermelho e Gilvan Chaves, completou 62 anos de sua primeira gravação e *Ranchinho de Paia*, de Chico Elion com seus 58 anos. E tantas outras músicas que embelezam e acalantam a nossa boemia.

Dedico este momento à memória dos músicos que partiram, aos que estão presentes esta noite, por fim, a todos que fazem o cancionário potiguar.

Acredito que a música é um bem que une os povos e impulsiona a sobrevivência da cultura e de gerações. A música é a alma do universo.

Senhores Acadêmicos, agradeço a honra de ser recebida nesta Casa e imortalizar a Música Potiguar Brasileira.

# *Necrológio*

## Pery Lamartine: o vôo infinito

*Anna Maria Cascudo Barreto*

**M**aria de Lourdes Lamartine Varela foi minha Madrinha de Crisma. Tinha eu sete anos quando da cerimônia religiosa, unindo Primeira Comunhão e Crisma, celebrada pelo Bispo Dom Marcolino. Dai em diante participei ativamente dos encontros sociais e afetivos das famílias Lamartine e Varela, com os meus pais. Dr. Varela Santiago se autoneomeou padrinho por afinidade e laços foram criados profundamente. Uma sólida amizade, plena de afeto.

É impossível dizer quando conheci Pery, mas sua figura se tornou tão familiar quanto à dos meus primos e tios, dos ramos Melo, Fernandes Pimenta, Freire e Viana, Varela, Lagreca, Cascudo. A sua loura e linda namorada, depois noiva e esposa, Ieda Bezerra Lamartine, foi logo acrescentada à algibeira de emoções. Como Ieda conheceu Pery aos dezesseis anos, ele com vinte e dois, (casaram no dia primeiro de maio de 1951) sua figura esbelta e bonita era constante nos eventos e logo me habituei a conversar com ela e ficamos amigas. Dr. Silvino foi meu médico quando criança; e tinha por Nazinha, sua esposa e filhos, um amor/admiração ilimitado. Convivemos e nos queremos bem, incluindo seu filho Otavio e filha Elzinha. Nazinha foi biografada no meu primeiro livro, “Mulheres Especiais” (Global, SP, 2003). Estivemos juntas até que ela nos deixou, viajando para outra dimensão e ainda hoje sentimos sua falta.

Hyperides Lamartine nasceu em Caicó, no dia dois de maio de 1926, filho de Clovis Lamartine de Farias e Maria de Lourdes Nóbrega. Era neto do ex-governador Juvenal Lamartine e foi criado na Fazenda Cacimbas, em Serra Negra, terra dos seus ancestrais.

Piloto, instrutor de aviação, escritor, empresário de turismo, escritor, acadêmico. Bonito, alto, de sorriso encantador, maneiras aristocráticas, hábitos simples, temperamento moderado. Definia-se como “seridoense, fazendeiro, vaqueiro, aviador e guardador de sonhos”, em crônica de Armando Negreiros.

Além dos temas voltados para suas origens sertanejas, a aviação dominou seus escritos, pois ele foi um decano da história dessa proeza humana no Rio Grande do Norte.

Quando ocupou o cargo de Gerente da fazenda do avô, “Lagoa Nova”, no município de São Paulo do Potengi, Juvenal viajava no Teco-Teco, um pequeno avião pertencente ao Aero Clube, conforme nos narra Ieda, no livro “História de uma Photographia”. Pery descobriu – com seu instinto de observador arguto e faro de piloto – um terreno não longe da Casa Grande, muito propício a um campo de pouso, posteriormente construído pelo homem de visão e dinamismo que era Juvenal Lamartine.

Em 1949, há registros fotográficos do piloto Augusto Severo Neto, escritor com histórico ligado a aviação, mostrando o piloto Pery Lamartine nos comandos da aeronave PT-19 sobrevoando o aeródromo perdido, que se configura como um dos maiores mistérios da aviação norte-rio-grandense, com a localização do primeiro aeródromo da zona norte de Natal, esquecido desde a década de quarenta. De acordo com o relato de Pery, que chegou a utilizar a pista durante o pós-guerra, o aeródromo se localizava mais ao norte em direção a foz do rio Potengi, nas proximidades da Base Naval Norte-Americana, popularmente conhecida como “Rampa”, e que fez história durante a segunda grande guerra. Segundo o escritor, na verdade existiam duas pistas e ainda um hangar com capacidade para abrigar quatro aviões. O acesso ocorria através de embarcações que atravessavam o rio Potengi, partindo do píer da Avenida Tavares de Lira, seguindo ao norte até um braço do rio, adentrado cerca de quatrocentos metros, onde desembarcavam. Uma das hipóteses é que a pista do Aero Clube, localizada onde ainda hoje funciona a sede social do Aero Clube do Rio Grande do Norte, fundado em 1928, por Juvenal

Lamartine, era curta e sem condições de ampliação. Juvenal, Governador do Estado na época, teria mandado construir um aeródromo na zona norte de Natal, na margem oposta do Potengi, acessando um braço de rio ou “Camboa”, para uso dos aviadores que chegavam ou partiam de Natal, uma vez que “O campo dos Franceses” em Parnamerim era praticamente inacessível para a maior parte da população. É o que se sabe desse lendário assunto.

Pery era Piloto, formado na Escola do Aero Clube, turma de 1942, brevê deste ano, quando ainda aluno do Colégio Atheneu. Um apaixonado pela aviação, me confessou que “voando se sentia perto de Deus”. Ieda voou pela primeira vez ao lado de Pery, e nunca sentiu receio, verificando o alto nível de pilotagem do seu amor. Foi monitor em Joinville, Santa Catarina em 1947. Trabalhou na Varig, residiram dois meses em São Luis, Maranhão, e foi o primeiro agente de turismo do Estado por mais de quarenta anos, pioneiramente na Aerotur e depois fundou Dunas, Mares e Turismo. Até os oitenta e três anos de idade ainda vivia o dia a dia dessa atividade na sua agência. Fez um nome na área, sinônimo de probidade e conhecimento.

Logo que casaram, Ieda e Pery residiram na fazenda de Juvenal. Embora moça da cidade, ela se habituou e apreciou a vida do campo. Sua existência foi um hino ao amor. Aprendeu a cozinhar – uma artista na culinária – para tentar melhorar o proverbial regime do marido, que tinha pouquíssimo apetite, e sempre foi esbelto por inapetência; e depois para salvar a vida do filho Ricardo, quando criança, diagnosticado com anemia e curado através de intenso cuidado alimentar pela genitora. Ieda era companheira exemplar; tanto incentivava seu amor à pilotagem, valorizava seu trabalho no turismo, orgulhava-se do seu talento literário, e era amiga dos seus amigos, esposa, mãe e avó incomparável até o fim.

O primeiro trabalho literário de Pery foi em 1964, parceria com o tio Oswaldo Lamartine de Faria, - que, segundo Woden Madruga, “apontou a rota dos seus próximos voos no rumo das letras”. O título era: “Algumas abelhas dos Sertões do Seridó” ou



“Notas de Carregação” depois incluído em 1980, no seu livro “Sertões do Seridó”, publicado pela Gráfica do Senado. O solo inicial foi no volume “Assentamentos da Família Lamartine” em 1982. Quando publica seu livro “Aeroplano”, em 1983, deixa de assinar Hyperides e assume Pery, como era conhecido. Em “Timbaúba, uma fazenda do século XIX” e em “Velhas Oiticicas”, ele demonstra ser um etnógrafo sertanejo. Alguns apontam as crônicas de “Epopéia dos Ares” de 1995, exemplares no texto.

No “Escape”, de 1998, o prefácio do piloto Graco Magalhães Alves confirma o livro como autentica historiografia da aviação potiguar. Em 2000 saiu “Serra Negra: Anos cinquenta” e “Coronéis do Seridó”, 2005. Pery também é autor de “Saint Exupéry na América Latina”. Ele sustentava a inexistência de provas da presença do escritor francês na cidade do Natal. Em 2010 publicou “A Rodagem”, em que narra o pioneirismo do transporte rodoviário entre Seridó e Natal, no tempo dos mistos e das “sopas”, pequenos caminhões desbravadores. Ainda contamos dois livros: “Joinville uma visão do Passado” e “Personagens Serranegrenses”. No ano passado, 2013, ele escreveu “História de Uma Photographia”, lançado este ano no Aero Clube do Rio Grande do Norte..

Tomou posse na Academia Norte -Rio-Grandense de Letras em 27 de abril de 2000, na cadeira de numero trinta e três, que tem como patrono Tonheca Dantas e primeiro ocupante Oswaldo de Souza. Ambos escritores e músicos. Uma sinfonia espiritual recebeu o novo ocupante. Aliás, foi o autor do lembrete da importância da xanana, flor que nasce espontaneamente nas calçadas, nas rodovias, e que depois por Diogenes da Cunha Lima foi considerada flor/símbolo da nossa cidade, e ainda transformada em lei. Roberto Lima fez o Hino em homenagem à Nossa Senhora do Ó e Pery foi o autor dos belíssimos versos hoje cantados em todas cerimônias religiosas da Paróquia. Também fez a letra de diversas melodias potiguares.

Quando fui eleita para a Academia, Pery homenageou-me com um jantar, obra prima culinária de sua Ieda, ele recebendo na porta os convidados. Jamais esquecerei esta noite.

Depois do falecimento do seu sogro, o saudoso Rocco Rosso, seu genro, advogado e historiador Carlos Roberto de Miranda Gomes encontrou um caderno de notas, escritas pelo jornalista Luis da Câmara Cascudo, sobre os primórdios da aviação civil potiguar. Em uma visita com a tripulação do Arco-em-Ciel, meu pai presenteou o amigo com Notas de reportagem aérea, registrando os anos de 1922-1933. O livro, recuperado por Carlos, nos foi entregue, e, inédito, publicado pela Edufurn em 2007. Era dedicado à memória de Edgar Dantas, “O mais jovem piloto do Rio Grande do Norte, morto em desastre aéreo em 23 de maio de 1930”. Camilo, e nós, familiares, ficamos comovidos com a oportunidade de apreciar o texto jornalístico de Cascudo. As anotações e comentários foram de Fernando Hippolyto da Costa, Coronel Aviador, historiador, membro do Instituto Histórico, expert na matéria. A orelha ficou a cargo de Pery Lamartine, que escreveu uma autêntica joia literária, com dados históricos pertinentes a cronologia aérea da época. Mais um motivo para ouvir e aprender tanto com o autor, quanto através dos colaboradores.

No ano de 2012, o escritor e médico Armando Negreiros e o seu médico Fernando Lisboa o internaram no Hospital da Unimed. Ele estava gravemente enfermo e lembro tê-lo visitado na companhia do Presidente da Academia, Diógenes da Cunha Lima e até chorarmos diante da fragilidade da sua saúde. Mas se reergueu e ainda viveu dois anos e meio com qualidade, comparecendo a exposições e eventos culturais. Faleceu em 17 de maio de 2014, dormindo ao lado de sua amada Yeda, após 62 anos de um feliz matrimônio. Tinha 88 anos de idade. Deixa quatro filhos: Elzinha, Ricardo, Elisabeth, Gustavo - e oito netos.

Armando Negreiros o considera seu padrinho acadêmico, homem longilíneo, bem humorado, sempre atento e dotado de um largo sorriso. Manoel Onofre Júnior disse do escritor; “Descrevendo costumes, paisagens, fatos e tipos humanos de sua terra- o Seridó velho de guerra – Pery Lamartine enriquece a memorialística potiguar, e ao mesmo tempo apresenta uma despreziosa contribuição para o estudo da etnografia sertaneja.”

Outro confrere da nossa Academia, o Padre e teólogo erudito João Medeiros, contou que o conhecia desde 1946, sendo amigo/irmão do seu tio Oswaldo Lamartine. Aproximou-se mais intensamente com a trágica morte de Isadora, filha de Oswaldo em 1981. João providenciou as cerimônias fúnebres e procurou exercer a misericórdia sob a inspiração divina perante a família atormentada pela dor. Por vinte e oito anos ele e Oswaldo se comunicaram. A conversa dos dois versava sobre religiosidade e também literatura e cultura nordestina. Muitas vezes Pery participava desses encontros. Em 1989 Elzinha conheceu Dimas – seu esposo até os dias atuais – e foi João Medeiros quem abençoou as núpcias. Ampliou-se o círculo de ternuras. Ele considera Pery Lamartine dotado da solidariedade discreta, silenciosa e eficaz, à semelhança de Nossa Senhora nas Bodas de Canáa. E me informa da fé sincera que iluminou nosso biografado em toda sua existência. Apreciava cavalgada, vaquejada, pesca. Foi um dos animadores e inspiradores dos trabalhos de Oswaldo quanto às vestimentas e arreios sertanejos. Na missa de sétimo dia de Pery, a recordação piedosa distribuída aos presentes tinha Nossa Senhora do Ó, Padroeira de Serra Negra, na capa, abençoando o inesquecível sorriso de Pery.

Paulo Bezerra, memorialista, acadêmico, conhecido como Paulo Balá, era seu primo legítimo e tinham muitas paixões em comum. Seu depoimento: “De Pery Lamartine, mesmo sangue, nossos pais primos legítimos, resta-me a lembrança de um homem alto, longilíneo, espigado, moreno, cabelos lisos, bigode cheio e aparado, depois branco na velhice. Tranquilo, pausado no linguajar, a fala mansa, fino no trato e discreto, educado, sorridente. Instrutor do Aero Clube, seguiu os passos do seu tio-avô que trouxe a aviação civil para o Estado. Dai haver considerado que seria justo o nome dele – Juvenal Lamartine – para titular o Aeroporto de São Gonçalo do Amarante. Dedicou-se ao turismo incentivando visitas ao Seridó, ao Açude Gargalheiras, sobretudo, lamentando a falta de apoio dos poderes públicos naqueles pontos de visitação. Escreveu sobre sua atuação como piloto civil, fez o assentamento da família Lamartine e registrou múltiplos

aspectos da vida seridoense. Tivemos um bom convívio. Um dia ele me chega acompanhado do filho Ricardo, da nora alemã e da filha do casal, sua neta, de poucos dias. Indo de visita a Serra Negra passaram pelas Pinturas. Partiram à tarde depois da netinha acordar de sossegado sono em rede alva e macia, tomar banho e alimentar-se. De outra feita, entrou na minha sala de trabalho com uma mensagem: “Você está convidado a participar de uma mesa sobre Oswaldo, com Diógenes, Serejo e comigo, na Fundação José Augusto. Não me negue.” Outra vez Marcos Lopes me pediu para leva-lo ao Museu do Vaqueiro, lá na Lagoa do Bonfim juntamente com Woden Madruga. Fomos os três, e Cassiano Bezerra. Uma tarde memorável. Talvez o nosso derradeiro encontro. Infelizmente o Seridó ficou desfalcado dele.”

Seus grandes expoentes foram a aviação e o resgate das raízes seridoenses. Pioneiro em viagens e fundador de uma das primeiras agências de turismo do Estado. Pesquisador metucioso em duas vertentes: a aviação e o sertão potiguar. Dedicou 46 anos da sua atividade ao desenvolvimento do turismo. Era uma figura fantástica. Descrescia-se como tranquilo e reservado, mas admirador de um bom papo e apreciador de conversas. Detestava multidões, e gostava de cinema. Segundo Woden Madruga, ele se descobriu escritor inspirado em Fabião das Queimadas, o maior poeta popular do Rio Grande do Norte. Mas certamente o exemplo do tio Oswaldo Lamartine foi o impulso inicial. Era um fanático admirador da vida e obra de Luís da Câmara Cascudo. Seu livro favorito do meu pai? “Vaqueiros e Cantadores”, que apontava como obra prima.

Seu filho Ricardo vive há anos nos Estados Unidos da America do Norte, exercendo a mesma atividade que Pery trouxe para Natal. Sua agência de turismo fica na cidade de Mineapolis, no Estado de Minnessota, de onde acompanha todos os dias os acontecimentos da sua cidade natal. Escreveu o perfil do seu amado genitor, transcrito pelo jornalista Woden Madruga. Transcrevemos sua ótica filial: “Meu pai era um homem simples. Gostava de uma vida simples, se vestia de modo simples, e tinha um estilo simples de escrever. Era daltônico e só veio descobrir

essa deficiência no curso de pilotagem. Tinha dificuldade de distinguir certas cores, confundia principalmente o verde, o vermelho e o amarelo. Na sua visão, essas três cores eram uma só, apenas com tonalidades diferentes. Modernidade não era o seu forte. Nunca usou relógio nem carteira de dinheiro. As cédulas eram dobradas e colocadas no bolso da frente misturadas com as carteiras de identidade e habilitação. Dizia que olhando para o céu tinha uma boa noção da hora. E assim levava o dia dele. Meu pai apreciava a vida calma do campo, e foi naquela fazenda, que criança cresceu e conviveu com pessoas simples. Eram eles os moradores e ajudantes da fazenda, figuras humildes, mas, que muitos anos depois, iriam fazer parte da grande inspiração dos contos e livros do meu pai.”

Quando o recordeo, repito um pensamento de Leonardo da Vinci que ele tanto apreciava: “Uma vez que você tenha experimentado voar, andará pela terra com seus olhos voltados para o céu, pois lá você esteve e para lá desejará voltar.”

Costuro no avental das minhas recordações mais coloridas as recordações dos encontros e da ternura, distribuída entre sua esposa e filhos. Como diria Antoine de Saint Exupéry, aviador e escritor como ele: “Aqueles que passam por nós/ não vão sós/ Deixam um pouco de si/ e levam um muito de nós.”

Natal, 22 de junho de 2014,

*Anna Maria Cascudo Barreto*

## PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em julho de 2014

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucesores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Cláudio Emerenciano
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade

18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho
21	Antônio Marinho	Florianio Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Ferreira
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine (vaga)
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito)
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

*Offset*<sup>®</sup>  
EDITORA

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e  
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em maio de 2014.

[www.offsetgrafica.com.br](http://www.offsetgrafica.com.br)